# A VIDA FAMILIAR NO MASCULINO
## Negociando velhas e novas masculinidades

Coordenação | **Karin Wall**
**Sofia Aboim**
**Vanessa Cunha**

**COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO**

**Título:** "A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades"

**Colecção:** "Estudos"

**Coordenação:** Karin Wall
Sofia Aboim
Vanessa Cunha

**Edição:** Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego
Rua Viriato, n.º 7 – 1.º, 2.º e 3.º – 1050-233 LISBOA
Tel.: 217 803 700 • Fax: 213 104 661
E-mail: cite@cite.gov.pt • Sítio: www.cite.gov.pt

**Execução gráfica:** Editorial do Ministério da Educação

**Depósito Legal:** 306 082/10

**ISBN:** 978-972-8399-46-7

**Tiragem:** 2000 exemplares

Lisboa, 2010

O conteúdo desta publicação não reflecte necessariamente a posição ou opinião da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

## ÍNDICE GERAL

**Índice de quadros e gráficos** ..... 5

**Notas sobre as autoras** ..... 7

**Agradecimentos** ..... 9

**INTRODUÇÃO** ..... 11

**PARTE I**

**ESTADO, FAMÍLIA E TRABALHO: DO GANHA-PÃO MASCULINO AO DUPLO EMPREGO NO CASAL** ..... 37

**Cap. 1 Género, família e mudança em Portugal** ..... 39
*Sofia Aboim*

**Cap. 2 Os homens e a política de família** ..... 67
*Karin Wall*

**PARTE II**

**HOMENS ENTRE O TRABALHO E A FAMÍLIA** ..... 95

**Cap. 3 A conciliação entre a vida profissional e a vida familiar em casais com filhos: Perspectivas masculinas** ..... 97
*Karin Wall*

**Cap. 4 A articulação família-trabalho em famílias monoparentais masculinas** ..... 129
*Sónia Vladimira Correia*

**PARTE III**

**VIDA CONJUGAL E IDENTIDADES MASCULINAS** ..... 157

**Cap. 5 Conjugalidades no masculino: Renegociando poderes e identidades no quotidiano** ..... 159
*Sofia Aboim*

**Cap. 6 Os discursos de género: Mudança e continuidade nas narrativas sobre diferenças, semelhanças e (des)igualdade entre mulheres e homens** ..... 225
*Maria do Mar Pereira*

## PARTE IV

**CONSTRUINDO A PATERNIDADE** ..... 263

**Cap. 7 Projectos de paternidade e a construção da fecundidade conjugal** ..... 265
*Vanessa Cunha*

**Cap. 8 Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo** ..... 313
*Karin Wall, Sofia Aboim e Sofia Marinho*

## PARTE V

**PARENTALIDADE MASCULINA NO PÓS-DIVÓRCIO E NA RECOMPOSIÇÃO FAMILIAR** ..... 333

**Cap. 9 Ser pai na residência alternada: Dinâmicas, trajectos e contextos da paternidade** ..... 335
*Sofia Marinho*

**Cap. 10 O lugar do padrasto no quotidiano familiar** ..... 397
*Susana Atalaia*

**CONCLUSÕES: Negociando velhas e novas masculinidades** ..... 457
*Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha*

**Referências bibliográficas** ..... 473

**Anexo I – Apresentação dos entrevistados** ..... 501

**Anexo II – Guião de entrevista** ..... 511



## ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS

### QUADROS

I.1 Tipos de Família ..... 25
I.2 "Tempo" biográfico e familiar ..... 27
I.3 Percurso conjugal ..... 29
I.4 Percurso parental ..... 30
I.5 Caracterização socioeconómica ..... 32
1.1 Evolução da escolaridade e taxa de actividade, 1981-2008 ..... 43
1.2 Remuneração média mensal de base, no Continente, por sexo Unidade: € ..... 43
1.3 População empregada por sexo e profissão, Portugal 2008 ..... 44
1.4 Trajectória profissional da mulher e do homem em casais com filhos em idade escolar ..... 45
1.5 Formas de divisão do trabalho profissional em casais entre os 20 e os 49 anos, em que pelo menos um dos parceiros está empregado (% de casais) ..... 49
1.6 Proporção de "trabalho" realizado sempre ou muitas vezes por cada pessoa/grupo de pessoas por tipo de tarefa actualmente (n=1776) ..... 51
1.7. Proporção de "cuidados aos filhos" realizado sempre ou muitas vezes por cada pessoa/grupo de pessoas por tipo de cuidado actualmente (n=1776) ..... 52
1.8 Formas de divisão do trabalho doméstico (n=1776) ..... 54
1.9 Número de horas semanais dedicadas às tarefas domésticas em casais dos 18 aos 65 anos ..... 57
1.10 Padrões de divisão do trabalho em casais dos 18 aos 65 anos, por país ..... 59
1.11 Atitudes face à divisão do trabalho, Portugal (n=1092) ..... 62
1.12 Atitudes dos homens relativamente aos papéis masculinos na vida familiar e profissional ..... 65
2.1 Licenças no masculino (1984-2009) ..... 85
2.2 Gozo das licenças em números absolutos, índice sintético de fecundidade e número de nascimentos (2000-2008) ..... 87
7.1 Distribuição percentual de homens e mulheres pela existência ou não de filhos e pelo número médio de filhos, segundo o grupo etário – Portugal, 1997 ..... 269

## Capítulo 7 Projectos de paternidade e a construção da fecundidade conjugal

*Vanessa Cunha*

### Introdução: A fecundidade masculina em questão

É escasso o conhecimento acerca da fecundidade dos homens. Em parte porque a demografia, que impulsionou e passou a deter um papel-chave na observação e na interpretação deste fenómeno, consolidou a sua análise em torno de indicadores que traduzem, quase exclusivamente, a realidade da fecundidade feminina (o índice sintético, as taxas globais e específicas, as taxas brutas de reprodução, os indicadores de calendário); mas também porque as ciências sociais em geral, e a investigação sociológica em particular, desde há muito que vêm interrogando a vida familiar, os comportamentos reprodutivos dos casais e o lugar dos filhos a partir da perspectiva das mulheres.

A marginalização flagrante dos homens, nomeadamente da análise demográfica da fecundidade, resultou da confluência de factores metodológicos, teóricos e ideológicos (Goldscheider e Kaufman, 1996; Green e Biddlecom, 2000). Com efeito, a dificuldade em calcular a idade fértil dos homens, a sua menor capacidade para precisar alguns eventos ligados à vida reprodutiva (a ocorrência e a datação de abortos, por exemplo), ou mesmo a fraca expressão numérica de famílias monoparentais masculinas impuseram-se enquanto razões de ordem técnica para não incluir os homens naquela análise.

Por outro lado, a disciplina desenvolveu-se e consolidou a sua linha de investigação em sintonia com o quadro normativo dominante das sociedades ocidentais de meados do século XX, que enfatizava a separação das esferas pública/masculina e privada/feminina. De facto, a influente sociologia dos anos 50 e 60 identificou a maior diferenciação funcional daquelas sociedades e, consequentemente, a maior diferenciação também das famílias, cabendo ao homem o papel instrumental de provedor ligado à sua participação na esfera pública, enquanto que à mulher competiria o papel expressivo ligado à esfera privada dos afectos, da domesticidade e da educação dos filhos (Parsons e Bales, 1955)[1]. A especialização de papéis seria resultado, portanto, do processo

[1] Aliás, fazendo eco da psicologia e da pediatria do pós-guerra, estes autores consideravam que o papel expressivo teria fundamento nas características inatas ao sexo feminino, tanto de natureza biológica como psicológica. Como referiram Turmel (1997) e Hays (1996), a década de 50 do século XX foi marcada pelo discurso acerca da importância da qualidade afectiva da relação mãe-bebé. As teorias do psicanalista John Bowlby sobre "maternal attachment" e "maternal deprivation" foram muito

de industrialização daquelas sociedades, como também frisaram Goldscheider e Kaufman: "Prior to the transformations that created urban, post industrial societies throughout the more developed world, both men and women were home, involved in household production and the raising of their collective children (...). The historical circumstances that led to men's preceding women in leaving the household for income-earning opportunities left children behind with their mothers, transferring both legal custody at divorce and responsibility for children's moral development from men to women" (1996, p. 92). Inclusivamente, o maior isolamento da família nuclear e a proximidade física que passou a caracterizar o laço entre mãe e filhos seriam responsáveis, segundo vários autores, pela descoberta do amor maternal, sentimento que julgavam ausente das relações familiares nas sociedades pré-modernas (Ariès, 1988; Badinter, 1980; Shorter, 2001). Ora, estas abordagens teóricas, à época dominantes, que colocavam a mulher e a criança no âmago do processo histórico de sentimentalização da vida familiar, ou mesmo que consideravam os afectos uma prerrogativa do género feminino, contribuíram amplamente para dissociar o homem das manifestações afectivas que circulam no seio da família.

Por último, a demografia também foi chamada a intervir na resolução do problema da altíssima fecundidade dos países em vias de desenvolvimento. Sob a influência da "visão biomédica e sanitária da reprodução (...) [que encarava] as mulheres apenas como instrumentos e meios (de produção de filhos saudáveis) das políticas de saúde" (Almeida *et al.*, 2004, p. 24), mas também dos movimentos feministas, que defendiam o direito das mulheres à livre escolha no campo da contracepção, procurou-se travar o crescimento demográfico daqueles países apostando em programas dirigidos especificamente às mulheres. A fundamentação para deles excluir os homens remetia, então, para a dificuldade em balizar a sexualidade masculina, ainda mais problemática em contextos de poligamia, e para a resistência dos homens face ao planeamento familiar, tributária do seu (pretenso) alheamento em relação à criação dos filhos (Green e Biddlecom, 2000, p. 83).

Com a década de 90 deu-se uma mudança decisiva neste panorama, com a deslocação do enfoque do planeamento familiar para a saúde reprodutiva, em grande medida impulsionada pela Conferência Internacional sobre a População e o Desenvolvimento, que se realizou no Cairo sob a égide das Nações Unidas: "Passa-se então de uma atenção privilegiada à população

influentes, assim como o trabalho do pediatra Benjamin Spock, que advogava "the crucial importance of child rearing (...) grounded in maternal affection" (Hays, 1996, p. 49), requisito que estaria, então, naturalmente inscrito na condição materna: "mothers are naturally loving and empathic" (*idem*).

e ao controlo da fecundidade para uma agenda de protecção e promoção de direitos reprodutivos de mulheres e homens, entendidos como direitos humanos, em sentido mais amplo" (Almeida *et al.*, 2004, pp. 24-25). Tratou-se de uma viragem que não foi alheia à escalada da SIDA e demais infecções sexualmente transmissíveis, mas que também traduziu o reconhecimento do fracasso dos programas de controlo da natalidade dirigidos apenas às mulheres, já que a fecundidade dos países em vias de desenvolvimento mantinha-se elevada apesar do declínio dos ideais femininos de descendência. Da Conferência do Cairo saíram, assim, orientações no sentido de promover a co-responsabilização dos homens nos comportamentos sexuais, reprodutivos e no exercício da parentalidade. E a análise demográfica passou a interessar-se pelo seu papel na manutenção daquele *status quo* (Goldscheider e Kaufman, 1996; Grady *et al.*, 1996). Como referiram Green e Biddlecom (2000), estava aberto o caminho para a compreensão dos processos de decisão no campo da fecundidade e do papel aí exercido pelos homens.

Ora, também é importante colocar a questão para os países mais desenvolvidos, embora pela razão inversa, já que se encontram a braços com o problema da baixa fecundidade. Trata-se de uma realidade que traduz o crescente sucesso do planeamento familiar e o adiamento da transição para a parentalidade – tendências que começaram a despontar nos anos 60 do século XX –, mas também a consolidação de um modelo de descendência mais contido, centrado na norma ideal dos dois filhos (Cunha, 2007; Testa, 2002). A verdade é que estes fenómenos têm concorrido para que se atribua às mulheres o protagonismo das mudanças registadas a nível da fecundidade. Antes de mais, porque a sua participação no mercado de trabalho – que tem aumentado significativamente desde meados do século XX – poderia mitigar a aspiração à maternidade. Como clarificou Oliveira a este respeito, trata-se de "uma visão profundamente enraizada na perspectiva de Becker, sobre os maiores custos económicos da criança associados ao aumento da educação feminina (...). Esta concepção supõe a existência de um conflito entre o trabalho feminino [associado ao aumento da escolarização] e a maternidade" (2007, p. 15). Por outro lado, porque a preponderância dos métodos anticoncepcionais ditos femininos (com amplo destaque para a pílula) transferiu o ónus do controlo da fecundidade do homem, a quem competia tradicionalmente[2], para a mulher.

[2] Pelo recurso ao coito interrompido. Este método de controlo dos nascimentos, muito generalizado até recentemente, esteve na base, inclusive, da "primeira revolução contraceptiva" na época moderna. Sobre este assunto ver: Ariès (1992), Bandeira (1986), MacLaren (1997), Leridon *et al.*: (1987) e Segalen (1999).

A acrescentar a isto, a própria ideologia do amor romântico, que marcou uma determinada geração de cientistas sociais, e a microeconomia da fecundidade inaugurada por Becker (1960), foram cúmplices da ideia de que no quadro da vida em casal a reprodução seria uma arena isenta de desencontros, tensões e negociações, pelo que poderia ser apreendida a partir da perspectiva da mulher.

Deste modo se explica a omissão do papel do homem no campo da reprodução conjugal, não obstante a maior visibilidade dos seus desempenhos e valores noutras arenas da esfera privada, seja na produção doméstica, seja no quadro das relações amorosas (Aboim, 2006). Esta lacuna marca, inclusivamente, a linha de estudos sobre paternidade *(fatherhood)* que floresceu nos anos 90 e que se tem pautado pela preocupação em recensear as dimensões do papel de pai, em abarcar a diversidade de práticas e significados associados ao seu exercício e em apreender o seu impacto na identidade e na realização masculinas (Dienhart, 1998; Marsiglio, 1995; Townsend, 2002, entre outros)[3]. Mas o que está a montante, o universo das aspirações procriativas, a antecipação da parentalidade, a construção da fecundidade no quadro da vida pessoal e conjugal – que já se conhece, aliás, para a população feminina (Almeida *et al.*, 2004; Cunha, 2007) –, constitui ainda um filão por explorar no caso dos homens.

É, justamente, o que nos propomos a fazer neste capítulo, a partir de algumas narrativas de homens-pais. Quando é que a aspiração à paternidade começa a desenhar-se nas suas vidas? Em que moldes ela é concretizada no quadro das relações conjugais? De que forma participa no processo de negociação da fecundidade do casal? Estas são algumas das questões às quais procuraremos responder. Mas, antes de avançarmos com a análise das entrevistas, vamos ainda apresentar alguns indicadores sobre a fecundidade portuguesa. São dados que revelam, então, que as práticas e as representações masculinas e femininas neste domínio nem sempre são coincidentes.

## Fecundidade portuguesa masculina e feminina: Encontros e desencontros

Ora, o que se sabe da fecundidade masculina portuguesa deve-se ao contributo de análises demográficas recentes, mas também de estudos extensivos (nacionais e internacionais) ao valor social dos filhos e aos comportamentos da população jovem e adulta no campo da sexualidade, da

[3] Sobre este asunto ver Capítulos 8 e 9.



contracepção e da reprodução. Destes, o mais relevante e inovador no panorama português é, sem dúvida, o *Inquérito à Fecundidade e Família* de finais dos anos 90 (INE, 2001), na medida em que, pela primeira vez, foi amplamente auscultada a população masculina nesta matéria[4].

**Quadro 7.1 – Distribuição percentual de homens e mulheres pela existência ou não de filhos e pelo número médio de filhos, segundo o grupo etário – Portugal, 1997**

| Grupo etário | | Filhos (nados-vivos) | | | N.º médio |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Nenhum | 1 ou + | Total | |
| Total | **H** | **46,4** | **53,6** | **100** | **1,1** |
| | M | 40,0 | 60,0 | 100 | 1,2 |
| 15-19 anos | **H** | **99,8** | **0,2** | **100** | **0,0** |
| | M | 97,5 | 2,5 | 100 | 0,0 |
| 20-24 anos | **H** | **93,2** | **6,8** | **100** | **0,1** |
| | M | 78,6 | 21,4 | 100 | 0,3 |
| 25-29 anos | **H** | **66,3** | **33,7** | **100** | **0,4** |
| | M | 42,4 | 57,6 | 100 | 0,8 |
| 30-34 anos | **H** | **29,8** | **70,2** | **100** | **1,1** |
| | M | 16,4 | 83,6 | 100 | 1,5 |
| 35-39 anos | **H** | **16,4** | **83,6** | **100** | **1,6** |
| | M | 11,3 | 88,7 | 100 | 1,9 |
| 40-44 anos | **H** | **12,7** | **87,3** | **100** | **1,8** |
| | M | 8,1 | 91,9 | 100 | 2,0 |
| 45-49 anos | **H** | **8,0** | **92,0** | **100** | **2,2** |
| | M | 9,2 | 90,8 | 100 | 2,1 |
| 50-54 anos | **H** | **7,5** | **92,5** | **100** | **2,3** |

**Fonte:** INE (2001).

Um primeiro resultado que importa referir prende-se com a dimensão ligeiramente menor das descendências dos homens em relação à das mulheres:

[4] O *Inquérito à Fecundidade e Família* resultou da iniciativa da Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas (CEE/ONU), conhecida como *Fertility and Family Surveys*, que procurou conhecer as causas da baixa fecundidade dos países desenvolvidos. Em Portugal, o trabalho foi realizado pelo INE e consistiu na inquirição de uma amostra probabilística da população portuguesa em idade reprodutiva: 6260 mulheres dos 15 aos 49 anos e 3130 homens dos 15 aos 54 anos. A opção de estabelecer um limite etário diferente para mulheres e homens estará certamente relacionada com o facto de o período fértil dos segundos ser mais dilatado (ver mais adiante a nota 12).

em média, 1,1 nados-vivos contra 1,2. Este desfasamento é, aliás, uma constante em inquéritos similares, surgindo inclusivamente enquanto tendência europeia[5]. Ora, um factor que contribui para tal é, como podemos observar no mesmo quadro, o desajustamento dos calendários de fecundidade masculino e feminino. A transição para a parentalidade é mais tardia no caso dos homens, embora se verifique uma recuperação nos grupos etários mais velhos: aos 45-49 anos, a proporção de homens com filhos não só passa a ser maior do que a de mulheres, como também têm, em média, mais filhos.

Outro resultado a destacar é o que confirma – com uma impressionante similitude nas declarações de homens e mulheres – o peso dos métodos contraceptivos ditos femininos, e a pílula em particular, no quadro da relação conjugal (quadro 7.2). O recurso a estes métodos por parte dos casais é ainda maior nas idades mais fecundas, comprovando o protagonismo das mulheres no accionamento do planeamento familiar[6].

A verdade é que no panorama contraceptivo actual – em que o coito interrompido é uma prática em desuso por ser manifestamente insegura, em que o preservativo se associa a relações ou a situações ocasionais e em que a vasectomia é um método pouco e mal conhecido –, "os homens [e as mulheres] não vêem a contracepção masculina como uma alternativa necessária ou mesmo possível à contracepção feminina" (Almeida e Vilar, 2008, p. 40).

[5] Outros dois exemplos são: o Estudo Europeu de Valores de 1990, onde foram inquiridos homens e mulheres a partir dos 18 anos (Almeida e Guerreiro, 1993); e o Eurobarómetro 56.2 de 2001, onde foram inquiridos homens e mulheres a partir dos 15 anos (Testa, 2002).

[6] O "4.º Inquérito Nacional de Saúde", realizado em 2005/2006, corrobora estes resultados: o peso da pílula sobre os restantes métodos contraceptivos, em especial, nas idades mais fecundas. O aumento do recurso ao DIU a partir dos 40 anos compensa, de algum modo, o ligeiro decréscimo da utilização da pílula (INE/INSA, 2009).



**Quadro 7.2 – Distribuição percentual de homens e mulheres (fecundas e não grávidas) em casal, por último método contraceptivo utilizado durante pelo menos 3 meses – Portugal, 1997**

| Métodos contraceptivos | **Homens** | Mulheres | Mulheres | |
|---|---|---|---|---|
| | **15-54 anos** | 15-49 anos | 25-29 anos | 45-49 anos |
| Métodos femininos | **77,0** | 77,1 | 82,7 | 70,2 |
| Pílula | **59,0** | 60,2 | 75,3 | 45,2 |
| DIU, injecção, esterilização | **12,0** | 11,6 | – | – |
| Diafragma, espuma, cones, abstinência, ciclos seguros | **6,0** | 5,3 | – | – |
| Métodos masculinos | **22,6** | 22,3 | 17,2 | 29,1 |
| Preservativo, esterilização | **16,6** | 15,5 | – | – |
| Coito interrompido | **6,0** | 6,8 | – | – |
| Outros métodos | **0,5** | 0,5 | – | – |
| Total | **100,0** | 100,0 | – | – |

**Fonte**: INE (2001).

No universo dos valores há também vários dados a realçar. Antes de mais, o inquérito faz eco de outros estudos que demonstraram que a norma dos dois filhos tem vindo a afirmar-se enquanto ideal de descendência, não apenas na sociedade portuguesa, mas nas europeias em geral (Cunha, 2007; Testa, 2002). As aspirações reprodutivas da população inquirida espelham, assim, esta tendência: 2,1 é o número médio de filhos desejado tanto por homens como por mulheres (quadro 7.3). No entanto, há diferenças que não podemos deixar de assinalar, como a adesão à norma dos dois filhos mais vincada nos homens: independentemente da idade ou da existência ou não de filhos, eles declaram com mais frequência o desejo de concretizar esse tipo de descendência. Por seu lado, as aspirações das mulheres são mais diversificadas, pelo que manifestam mais vezes a vontade de realizar uma descendência de 3 ou mais filhos, mas também de ficar pelo filho único, ou mesmo de não ter nenhum.

**Quadro 7.3 – Distribuição percentual de homens e mulheres por número máximo de filhos desejados[7], segundo o grupo etário – Portugal, 1997**

| Grupo etário | | Número máximo de filhos desejados | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Nenhum | 1 filho | 2 filhos | 3+ filhos | NS | Total |
| Total | **H** | **3,6** | **13,6** | **62,5** | **19,9** | **0,5** | **100** |
| | M | 4,2 | 15,5 | 57,6 | 22,3 | 0,4 | 100 |
| Total sem filhos | **H** | **7,2** | **8,8** | **69,1** | **13,9** | **0,9** | **100** |
| | M | 10,1 | 9,0 | 61,6 | 18,3 | 0,9 | 100 |
| 15-19 anos | **H** | **3,4** | **8,8** | **73,9** | **13,2** | **0,8** | **100** |
| | M | 4,5 | 8,0 | 68,5 | 17,9 | 1,1 | 100 |
| 20-24 anos | **H** | **2,8** | **8,3** | **73,3** | **14,8** | **0,8** | **100** |
| | M | 2,6 | 8,8 | 67,5 | 20,4 | 0,6 | 100 |
| 25-29 anos | **H** | **2,7** | **9,8** | **68,5** | **18,2** | **0,9** | **100** |
| | M | 4,8 | 11,3 | 58,6 | 23,9 | 1,5 | 100 |
| 30-34 anos | **H** | **7,9** | **7,6** | **70,2** | **12,0** | **2,2** | **100** |
| | M | 24,5 | 14,4 | 47,2 | 12,2 | 1,7 | 100 |
| 35-39 anos | **H** | **29,1** | **16,8** | **41,1** | **10,9** | **2,1** | **100** |
| | M | 63,3 | 11,2 | 22,6 | 2,8 | 0,0 | 100 |
| 40-44 anos | **H** | **52,5** | **2,5** | **45,0** | **0,0** | **0,0** | **100** |
| | M | 91,7 | 6,0 | 2,3 | 0,0 | 0,0 | 100 |
| 45-49 anos | **H** | **93,5** | **0,0** | **6,5** | **0,0** | **0,0** | **100** |
| | M | 97,7 | 2,3 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 100 |
| 50-54 anos | **H** | **76,3** | **14,9** | **8,8** | **0,0** | **0,0** | **100** |

**Fonte**: INE (2001).

Mas este resultado reflecte, afinal, outra diferença importante a nível da fecundidade masculina e feminina, que é o facto de o calendário das mulheres – o seu período fértil – ser mais curto do que o dos homens. O desacerto de calendários leva, portanto, a que os homens tenham expectativas de serem pais – e pais de mais filhos – até mais tarde (o que, aliás, acontece na prática, como observámos mais acima). Por conseguinte, se tivermos em conta as aspirações da população inquirida sem filhos segundo o grupo etário, verificamos que as expectativas das mulheres começam a diminuir

[7] Com este indicador pretende-se medir as aspirações no campo da fecundidade. Mas enquanto no caso dos inquiridos que não têm filhos, o indicador traduz o número de filhos desejados, no caso dos inquiridos que já tiveram filhos, o indicador recobre não só o número de filhos ainda desejados como os filhos já nascidos.



rapidamente a partir dos 30-34 anos. E aos 40-44 anos, cerca de 9 em 10 declaram que já não equacionam ter filhos, enquanto mais de metade dos homens do mesmo grupo etário afirma o desejo de ter ainda dois filhos.

O inquérito proporciona ainda dados interessantes sobre valores ligados à parentalidade, isto é, sobre a posição que a criança detém, simbolicamente, no quadro da vida pessoal e conjugal (quadro 7.4).

**Quadro 7.4 – Distribuição percentual de homens e mulheres, por opiniões sobre ter filhos e grau de concordância ou importância – Portugal, 1997**

| **"Não acredito que alguém possa ser realmente feliz sem 1 filho"** | | |
|---|---|---|
| | **H** | M |
| Concorda fortemente | **23,2** | 22,2 |
| Concorda | **23,0** | 25,9 |
| Nem concorda nem discorda | **14,2** | 17,5 |
| Discorda | **39,5** | 34,5 |
| Total | **100,0** | 100,0 |
| **"Um casal deveria ter pelo menos 1 filho"** | | |
| | **H** | M |
| Concorda fortemente | **60,2** | 47,7 |
| Concorda | **27,5** | 37,7 |
| Nem concorda nem discorda | **5,8** | 7,2 |
| Discorda | **6,6** | 7,4 |
| Total | **100,0** | 100,0 |
| **"Ter crianças fortalece a relação do casal" (razão para ter filhos)** | | |
| | **H** | M |
| Importante | **79,5** | 67,5 |
| Não é importante | **13,8** | 23,9 |
| Não sabe | **6,6** | 8,6 |
| Total | **100,0** | 100,0 |

**Fonte**: INE (2001).

Da análise das declarações e do grau de concordância ou importância atribuído às mesmas, duas notas se impõem. A primeira prende-se, justamente, com a posição distinta que a criança detém naqueles dois contextos: a ideia da felicidade pessoal alcançada exclusivamente por

intermédio da parentalidade não colhe um consenso generalizado, visto haver uma franja significativa de homens e mulheres que concebem outras fontes de gratificação para além (e mesmo na ausência) da criança; em contrapartida, é mais difícil dissociar a conjugalidade da parentalidade, ou seja, o sentido da vida em casal parece estar alicerçado na existência de filhos *(pelo menos 1)*, em grande medida porque sobre eles recai a expectativa do fortalecimento do laço conjugal (ou se reconhece a posteriori o seu papel). Trata-se, na verdade, da função simbólica de coesão dos filhos, uma das mais importantes no quadro de valores das mulheres portuguesas, como se constatou noutro estudo (Cunha, 2007). Mas o que os dados vêm acrescentar – e esta é, então, a segunda nota – é que a expectativa projectada nos filhos é igualmente uma realidade no caso dos homens, aliás, ainda com mais peso. A concordância mais vincada em relação à segunda afirmação e a maior importância atribuída à terceira parecem apontar, em suma, para uma sobreposição ainda mais estreita da conjugalidade e da parentalidade na ordem simbólica masculina (Townsend, 2002).

Noutro inquérito sobre as atitudes dos europeus face à fecundidade – o Eurobarómetro 56.2[8] – um resultado que não podemos deixar de aludir prende-se com o desacerto entre o que se aspira num dado momento neste campo e o que se concretiza efectivamente, bem como as razões que o justificam. Quando questionados se realizaram o projecto de fecundidade que tinham por volta dos 20 anos (em média, 1,8 filhos no caso dos homens e 2,0 no caso das mulheres), a maioria dos portugueses declarou tê-lo feito ou mesmo ultrapassado essa meta inicial, com uma ligeira vantagem para os primeiros (63% contra 59%). Os que não realizaram e que já não tinham intenção de fazê-lo (19% dos homens e 26% das mulheres) apontaram, então, as razões para tal[9] (quadro 7.5).

Ora, os problemas financeiros, de saúde e conjugais e a falta de disponibilidade ditam, em grande medida, a limitação da fecundidade portuguesa, totalizando mais de 80% das respostas[10]. No entanto, é interessante observar que as razões pesam de modo diferente nas decisões dos homens e das mulheres. Se somarmos o custo dos filhos aos problemas financeiros constatamos que esta dimensão económica pesa tanto como a questão da

[8] Estudo realizado em 2001 nos 15 Estados membros, à população de ambos os sexos com 15 e mais anos (Testa, 2002).

[9] Esta questão era de resposta múltipla (até 3 razões). No quadro, a distribuição é apresentada sobre o total de respostas e não de casos.

[10] Não obstante, Portugal destaca-se do panorama europeu pelo peso dos problemas financeiros. Na União Europeia sobressai, então, a falta de parceiro adequado, a falta de disponibilidade e a mudança de prioridades (Testa, 2002).



saúde no caso das mulheres, mas pesa significativamente mais no caso dos homens. São também eles que mais referem a falta de disponibilidade pessoal, enquanto as mulheres sentem mais dificuldade em conciliar a actividade profissional com a vida familiar[11] e em encontrar o parceiro certo para ter (mais) filhos.

**Quadro 7.5 – Distribuição percentual de homens e mulheres pelas razões para não terem realizado o projecto de fecundidade que tinham por volta dos 20 anos – Portugal, 2001**

| Razões | H | M |
|---|---|---|
| Problemas financeiros (do próprio ou do cônjuge) | **33,3** | 24,6 |
| Problemas de saúde (do próprio ou do cônjuge) | **25,0** | 28,6 |
| Não encontrou o parceiro certo ou tem problemas conjugais | **11,1** | 15,2 |
| Falta de disponibilidade pessoal (não encontrou a altura certa) | **11,1** | 7,6 |
| Mudança de prioridades (já tem filhos suficientes) | **8,3** | 7,6 |
| Dificuldade em conciliar trabalho/família (falta de creches, etc.) | **5,6** | 8,6 |
| Custo dos filhos (educação, etc.) | **5,6** | 4,8 |
| Falta de alojamento adequado | **0,0** | 2,9 |
| Total | **100** | 100 |

**Fonte**: Testa (2002).

### *Fecundidade e educação*

É já sobejamente conhecido o impacto das variáveis macrossociais na fecundidade das mulheres portuguesas, tanto a nível dos comportamentos reprodutivos como no campo dos ideais e das aspirações (Almeida *et al.*, 1995, 2004; Almeida, André e Lalanda, 2002; Cunha, 2007), mas pouco se conhece no caso da fecundidade masculina.

Ora, a partir do recenseamento de 2001 e das estatísticas demográficas do INE, Oliveira (2007) procurou dar conta da tendência actual da fecundidade feminina e masculina à luz da sua relação com a educação, calculando, para diferentes níveis de ensino, indicadores de *intensidade* e de *calendário* – índice sintético de fecundidade, idade média ao nascimento[12] –, justamente

[11] Ver Capítulo 3.

[12] A análise demográfica da fecundidade contempla os nascimentos que ocorrem ao longo da idade fértil. No caso das mulheres está convencionado que se situa entre os 15 e os 49 anos, pois é nesse intervalo que têm lugar 99,9% dos nascimentos. No caso dos homens não há um intervalo definido, pelo que a autora optou por balizá-lo entre os 15 e os 59 anos, para incluir também 99,9% das ocorrências.

aqueles que melhor retratam a profunda mudança da paisagem demográfica portuguesa das últimas décadas: declínio acentuado da fecundidade e adiamento da transição para a parentalidade. Trata-se de uma análise original, pois, se desde há muito que aquela relação tem sido investigada pela demografia, constituindo mesmo um elemento central da teoria da transição demográfica, apenas tem sido equacionada para a população feminina.

Como podemos observar no quadro seguinte, a educação influencia no mesmo sentido os comportamentos procriativos das mulheres e dos homens: a idade média ao nascimento dos filhos aumenta linearmente para ambos com o grau de ensino; e a proporção da fecundidade realizada até aos 30 anos diminui de forma significativa. Contudo, há um certo desfasamento nos seus *calendários* associado à maior precocidade da fecundidade feminina e que reflecte a tradicional diferença etária entre cônjuges, tanto maior quanto mais baixo é o grau de ensino.

**Quadro 7.6 – Idade média ao nascimento (IMN), proporção da fecundidade realizada até aos 30 anos (PFR 30) e índice sintético de fecundidade (ISF) de homens e mulheres, segundo a educação – Portugal, 2000/01**

| Grau de ensino | IMN | | PFR 30 | | ISF | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **H** | M | **H** | M | **H** | M |
| Até ao 6.º ano | **30,0** | 26,5 | **0,54** | 0,74 | **1,58** | 1,90 |
| 9.º ano | **32,1** | 29,2 | **0,41** | 0,60 | **1,35** | 1,32 |
| Ensino secundário | **33,6** | 31,0 | **0,27** | 0,44 | **1,56** | 1,29 |
| Ensino superior | **35,2** | 32,5 | **0,15** | 0,29 | **1,73** | 1,36 |
| Total | **31,6** | 28,7 | **0,42** | 0,59 | **1,50** | 1,50 |

**Fonte**: Oliveira (2007).

Quanto ao índice sintético, os resultados revelam uma intensidade da fecundidade em U (mais baixa nos graus de ensino intermédios e mais elevada nos extremos), o que levou Oliveira a concluir que a visão clássica que apontava "para uma relação inversa entre a fecundidade [feminina] e a educação" (2007, p. 15) já não permite fazer uma leitura do panorama actual. A autora adianta, assim, uma explicação que é inclusiva de outras variáveis independentes, como o trabalho e o rendimento: "É possível que as diferenças educacionais tenham um efeito negativo sobre a fecundidade até um dado patamar de escolaridade, porque aumentam a probabilidade das mulheres trabalharem, mas em trabalhos com poucas diferenças



salariais em função da educação (...). A partir de certo nível de escolaridade, as diferenças de nível educativo traduzem-se em aumentos do rendimento, diminuindo o custo relativo de ter um filho" (*idem*, p. 16).

Mas se é importante este avanço na compreensão da fecundidade das mulheres e dos homens portugueses, não é de somenos importância reflectir sobre as diferenças encontradas também na *intensidade* da fecundidade masculina e feminina: a recuperação do U ocorre num nível de escolaridade mais baixo para os homens (ensino secundário) do que para as mulheres (ensino superior); e onde a fecundidade atinge valores mais elevados é, no caso dos homens, entre os mais escolarizados e, no caso das mulheres, entre as menos escolarizadas. Estes resultados revelam, assim, que a relação entre educação (e, indirectamente, trabalho e rendimento) e fecundidade não só tende a ser globalmente mais positiva para os homens do que para as mulheres, como a distância entre eles vai adensando à medida que aumentam os capitais escolares[13], sugerindo uma articulação entre as variáveis independentes mais complexa no caso das mulheres[14].

## A fecundidade dos homens no quadro da relação conjugal (análise de entrevistas)

Como já foi sobejamente referido em capítulos anteriores, este livro debruça-se sobre a vida familiar de homens portugueses de diferentes meios sociais e em diferentes configurações domésticas: em famílias "simples" de casais com filhos; em famílias recompostas, onde assumem (também ou exclusivamente) o papel de padrasto; e em famílias monoparentais paternas, na sequência de divórcio, separação, ou viuvez. Neste capítulo vamos restringir-nos ao primeiro tipo de família e vamos analisar a fecundidade masculina no quadro da relação conjugal. São entrevistas a homens com idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos, que vivem, em regra, numa primeira conjugalidade e que foram pais no âmbito dessa mesma relação[15]. O nascimento do primeiro filho ocorreu para alguns há bastante tempo, pelo que já têm filhos adultos, enquanto outros foram pais muito recentemente. Mas a maioria tem filhos

[13] A excepção patente no grupo menos escolarizado traduz a menor participação dessas mulheres no mercado de trabalho, realidade que se associa a uma fecundidade mais elevada. Com efeito, num estudo quantitativo de âmbito nacional constatou-se que as mulheres que nunca trabalharam têm descendências mais numerosas do que as mulheres trabalhadoras, embora as suas aspirações reprodutivas até sejam mais modestas (Cunha, 2007).

[14] Se é verdade que a inactividade económica é mais significativa nas mulheres com baixos capitais escolares, o que aquele estudo também revelou foi que as mulheres que estão fora do mercado de trabalho têm sistematicamente mais filhos, independentemente do nível de ensino (*idem*).

[15] Abrimos apenas uma excepção, para um caso em que não há filhos da actual conjugalidade, mas em que o homem teve um filho no âmbito de uma relação anterior.

adolescentes ou crianças em idade escolar, predominando as descendências de dois filhos. Temos, assim, uma diversidade de "tempos familiares", visto que há homens que estão no fim da sua carreira reprodutiva, enquanto outros estão agora a iniciá-la. Mas temos, também, uma diversidade de "tempos individuais", pois estes homens foram pais em idades bem distintas, entre os 23 e os 44 anos, o que por si só potencia um amplo leque de experiências de fecundidade e, claro está, de paternidade[16].

Ora, se os dados que atrás reunimos permitiram traçar um breve retrato da fecundidade masculina portuguesa, dando a ver as tendências dominantes que partilha com a fecundidade feminina mas também as singularidades e os desencontros entre elas, a análise das entrevistas permite ir um pouco mais além e conhecer **o modo como se formulam e concretizam os projectos de paternidade no quadro da relação conjugal**.

Procuramos conhecer, assim, em que momento e em que moldes é que os homens começam a esboçar um **projecto de paternidade**. No caso das mulheres, é sabido que costumam chegar à conjugalidade com aspirações bem definidas e dissociadas do próprio projecto conjugal (Almeida *et al.*, 2004). Será também assim no caso dos homens, ou será que aquele só é inaugurado no âmbito, e enquanto complemento indispensável, da vida em casal? Vamos auscultar, então, os projectos que acalentavam na juventude e no início da vida a dois, de forma a perceber em que momento é que a ideia de paternidade começou a tomar forma. Mas vamos também olhar para o momento actual, de modo a perceber se as suas preferências se mantiveram estáveis ao longo da trajectória reprodutiva, se foram sujeitas a tensões e ajustamentos ou, mesmo, se houve uma acomodação ao projecto reprodutivo da mulher.

Outra dimensão a analisar é a do papel do homem no **processo de negociação da fecundidade conjugal**. Queremos saber, portanto, se há comunicação a este nível, se os cônjuges explicitam os seus ideais e os seus projectos individualmente elaborados, mas também, face a eventuais divergências, como são tomadas as decisões: se procuram conciliar posições de modo a acordarem num projecto comum, ou, pelo contrário, se é a vontade de um dos cônjuges que prevalece. No fundo, queremos perceber como é que os homens reflectem acerca deste processo negocial e se consideram que participam nas decisões acerca da dimensão da descendência *(quantos filhos?)* e do calendário da fecundidade *(quando os ter?)*.

[16] Ver Introdução e Anexo I para detalhar a caracterização dos entrevistados.



No seguimento desta dimensão temos, então, uma terceira, ligada ao papel do homem na **construção da fecundidade conjugal.** Perante a realidade de um planeamento familiar que tende a ser conduzido pela mulher, em que é sobre ela que recai a responsabilidade de assegurar a infertilidade voluntária do casal ou de a suspender quando se equaciona a vinda de um filho, e que pode mesmo constituir-se numa vantagem em caso de desacordo[17], importa perceber se os homens se sentem co-responsáveis pela vigilância contraceptiva (Grady *et al.*, 1996), pelo controlo da fecundidade conjugal, ou, inversamente, se o sentimento dominante é de que a trajectória reprodutiva do casal é dirigida unilateralmente pela mulher. Mas também pode haver um alheamento do homem desta esfera, ou mesmo uma dificuldade de ambos no controlo da fecundidade. Convém lembrar que, apesar das grandes mudanças registadas no panorama do planeamento familiar, há ainda uma margem não despicienda de "acidentes" na constituição das descendências que se ligam, em primeira linha, aos baixos capitais escolares que caracterizam a sociedade portuguesa (Cunha, 2007, 2009a).

De forma muito exploratória vamos abordar ainda uma última dimensão, que se prende com o maior ou menor **envolvimento dos homens na gravidez e no parto**. Trata-se de uma questão que tem sido essencialmente alvo de atenção clínica e mediática, mas que pode ser um terreno interessante para pensar as mudanças a nível do papel do homem nestes acontecimentos que até há pouco lhes foram vedados, bem como o impacto que esta experiência poderá ter na reconfiguração da identidade, dos laços e do papel parentais.

Ora, à luz destas dimensões, a análise de conteúdo fez emergir modos bem distintos de formular e concretizar os projectos de paternidade no quadro da relação conjugal. Encontradas as regularidades nos discursos dos homens entrevistados, chegámos a oito perfis, que o leitor poderá conhecer em detalhe no quadro 7.7 no final deste capítulo. Mas antes de passarmos à apresentação dos mesmos, importa deixar três notas metodológicas. A primeira é que as fronteiras entre os perfis nem sempre são fáceis de estabelecer, pelo que a decisão de incluir ou excluir um caso de um dado perfil poderá ser discutível. A segunda é que, na busca do equilíbrio entre a sistematização da informação e o realce da singularidade, chegámos a perfis que reúnem um número muito diverso de casos, entre um e seis. Finalmente, optámos por fazer apenas uma breve descrição de cada um deles para, em seguida, ilustrá-lo com a força e a lógica narrativa do discurso na primeira pessoa.

[17] Estudos realizados em países em vias de desenvolvimento apontam nesse sentido, para o recurso à contracepção por parte das mulheres, sem conhecimento do marido, de modo a limitarem a descendência (Green e Biddlecom, 2000).

### *Perfil 1 – Concertado contido*

Ser pai, ser marido ou companheiro, constituir família, são objectivos que se conjugam desde cedo nos planos de juventude de Cláudio, Jeremias ou Hélder, de Marcelo, Álvaro ou César. Mas é o início da vida a dois que marca, verdadeiramente, o momento em que o projecto de paternidade começa a tomar forma, não só quanto às preferências pessoais, mas também quanto ao calendário mais adequado para o bom funcionamento da vida familiar. No discurso destes homens destaca-se a importância da negociação da fecundidade e do confronto das aspirações, bem como da procura de uma posição concertada que tentam pôr em marcha, embora possa ser sujeita a reavaliações posteriores. A fecundidade do casal é, então, decidida e dirigida por ambos, sujeita a uma vigilância apertada (os nascimentos são planeados) e a gravidez é acolhida com envolvimento. Estes homens casaram-se relativamente cedo, mas viveram intencionalmente alguns anos sem filhos, à excepção de César que, após uma primeira conjugalidade mal sucedida e infecunda, foi logo pai no contexto da actual relação (a sua mulher passara por uma situação similar). Quase todos tiveram dois filhos, com intervalos relativamente longos entre os nascimentos, menos Cláudio, que tem apenas uma filha já adolescente. Nenhum pensa ter mais. Neste perfil, os homens detêm escolaridades a nível do 3.º ciclo do ensino básico ou do secundário e exercem profissões manuais ou pouco qualificadas ligadas aos serviços. Apenas Álvaro, de 47 anos, é mais qualificado e está a terminar uma licenciatura, dando resposta a um projecto seu de valorização pessoal e profissional. Vamos, então, conhecer as histórias de Cláudio, Jeremias e Hélder.

**Cláudio** tem 41 anos, o 8.º ano de escolaridade e é segurança numa instituição pública. A sua mulher tem 43 anos, também tem o 8.º ano e é proprietária de um pequeno negócio. Olhando para os seus tempos de juventude, Cláudio refere que o projecto de paternidade esteve sempre presente: *Isso tinha, sempre tive (...). Eu, sinceramente, não me via sem filhos. Não me via e queria.* Começou a viver com a mulher há 16 anos atrás. No ano seguinte casaram-se, *para lhe fazer mais a vontade*, mas logo nesse primeiro ano de vida a dois a questão dos filhos foi levantada e constataram uma divergência de opiniões:

> *Ela sempre disse que filhos... filhos não queria. E eu sempre insisti que quando (...) quando casasse – apesar de fazermos vida em comum – quando casasse, que o objectivo era ter filhos. E aos poucos e poucos, não sei porquê, não foi por insistência minha, ela mudou.*



O nascimento da única filha, hoje com 12 anos, ocorreu ao fim de 4 anos de vida conjugal e foi planeado pelo casal:

> *Foi na altura que nós decidimos que queríamos ter.*

Mas Cláudio confessa que, quando a mulher engravidou, gostava que fosse um rapaz, antecipando uma identificação de género a nível das brincadeiras. Mas, como a mulher não tinha qualquer preferência, resolveram aguardar pelo nascimento para conhecer o sexo do bebé:

> *Quer queiramos quer não, o pai ocupa-se mais do rapaz e a mãe ocupa-se mais da rapariga. Até uma certa idade. Porque, porque é muito mais (...) fácil para nós estarmos a jogar à bola com os filhos. É por esse motivo que, na altura, que eu me via a ter um filho. Era assim que eu me via. E não me via a jogar às bonecas com uma filha, apesar de, por vezes, ter que o fazer, com alguma insistência da parte dela. Mas... mas era assim que me via, era com um filho.*

Cláudio acompanhou de perto a gravidez. Na altura estavam emigrados e procuraram encaixar as idas ao médico com as folgas semanais do casal, de modo a Cláudio poder acompanhar a mulher:

> *"Na Suiça, nós podemos marcar os exames, os dias que queremos ser consultados. Então, nós éramos consultados nos dias que mais interessava. E como à sexta-feira era o nosso dia de folga havia sempre uma conciliação dessas datas para que isso acontecesse".*

No entanto, não esteve presente durante o parto, pois o nascimento ocorreu antes da data prevista e Cláudio estava fora:

> *Só a vi* [passados] *quinze dias, porque ela estava prevista que tivesse a filha numa altura e veio com uma boa antecedência. Então, nem sequer assisti ao nascimento porque não estava cá. Mas foi uma alegria, foi uma alegria (...). A coisa mais positiva que eu tive foi quando (...) recebi o telefonema que a minha filha tinha nascido.*

Hoje o casal não pensa ter mais filhos e Cláudio aponta como principal razão as dificuldades sentidas no relacionamento com a filha nos seus primeiros anos de vida:

> *A minha filha foi extremamente difícil, não ao nível de saúde mas ao nível de comportamento. Então...* [suspiro] *Foi terrível. Eu lembro-me que quando ia levá-la para a creche de manhã, que era todos os dias o mesmo cenário de não querer se vestir: "não, não!"... depois chegava a casa não queria tomar banho... Era horrível! Foi todos os dias, era..., foi diariamente assim para todos.*

**Jeremias** tem 39 anos, o 8.º ano de escolaridade e é mecânico de automóveis numa pequena oficina, da qual é proprietário juntamente com um irmão. A sua mulher, da mesma idade e com o mesmo nível de ensino, é empregada doméstica. Constituir família era um dado inquestionável nos projectos de juventude deste entrevistado:

> *Era, era. Sempre foi. Eu acho que isso faz parte... como diz... faz parte das pessoas normais, não é?: casar e ter filhos (...). Se não fosse assim, a humanidade acabava!.*

Está casado há 17 anos e tem duas filhas, de 14 e 6 anos. Apesar de achar que se casou algo cedo, aos 22 anos, deu esse passo por estar nessa altura a viver sozinho e por já namorar há algum tempo com a sua mulher:

> *Nós tínhamos este projecto já, de nos casarmos. Não foi uma... não faria muito sentido continuar a viver sozinho.*

No entanto, apesar de ambos quererem ter filhos, decidiram não ter logo, de modo a desfrutarem algum tempo de vida a dois, pelo que a primeira filha só nasceu passados 3 anos:

> *Éramos novos, e a gente queria ter um tempo para... para passear (...). Aproveitámos para nos divertirmos também um bocadinho, não é? Com o pouco tempo que tínhamos, não é? E com o pouco dinheiro que tínhamos. Mas pronto. Isto é... também... também foi algo que a gente aproveitou para... para nós, como casal, passearmos um bocado (...). E então foi uma opção nossa, só termos filhos ao fim de 3 anos.*

Quanto à segunda filha, nasceu 8 anos depois e tratou-se novamente de uma gravidez planeada, desta feita adiada de molde a concretizarem outro projecto de monta que era a construção da moradia da família:

> *A segunda adiámos porque... estávamos a pensar em construir a casa que hoje temos. E então, para não termos tudo ao mesmo tempo, ficámos 8 anos sem ter filhos. Portanto, a diferença delas é de 8 anos... e só quando tivemos a outra casa feita, esta onde moramos agora, ou estava quase feita... aliás, ela já lá foi nascer. Fomos estrear a casa quando ela nasceu.*

Quando questionado acerca das suas preferências, Jeremias refere que gostaria de ter tido um rapaz, desejo ainda mais vincado na segunda gravidez:

> *Na primeira era indiferente. Portanto, eu... gostava mais que fosse um rapaz, pronto... se fosse um rapaz...* [pausa]. *Sei lá, os pais, todos eles, gostam mais de... depende... mas na primeira não foi assim muito... Na segunda, gostava mais que fosse um rapaz. Já tinha uma rapariga. Até por uma questão de seguir os automóveis, e que gostasse dos automóveis... Não para seguir isto, porque eu... isto não aconselho a*



> *ninguém, mas... mas... Mas gostava, se um dia tivesse uma empresa maior, gostava de ter um que... para... para seguir. Sendo filhas...*

Apesar disso e apesar de a mulher também ter vontade *de ter mais filhos*, Jeremias afirma que decidiram não ter mais, referindo para tal questões financeiras, nomeadamente a intenção de manter o nível de vida que proporcionam actualmente às suas duas filhas:

> *Ficamos por aqui. A minha esposa gostava de ter mais filhos, mas não... Gostava. Mas também chegámos à conclusão que a vida não... não nos permite ter mais filhos. Depois começávamos a não dar aquilo que gostávamos de dar a estas... pelo facto de termos mais, não é? Os infantários estão muito caros... É melhor ficarmos por aqui.*

Em relação às gravidezes, Jeremias envolveu-se de forma desigual. De facto, acompanhou mais a segunda a partir do momento em que uma ecografia, aos 5 meses de gestação, levantou a suspeita de uma malformação do feto:

> *Tratámos logo de arranjar médicos para a operarem assim que a criança nascesse... procurar o que é que era possível fazer, assim, numa situação dessas... Passou-se a fazer exames quase semanalmente, em várias clínicas, em vários sítios diferentes. Embora todos os outros, todos os outros exames apontassem que a criança ia ser uma criança saudável, mas... ninguém nos conseguia sossegar, porque... levantou... levantou-se a onda, e depois... e depois, psicologicamente, nós pensávamos que toda a gente... tudo o que diziam era só para nos acalmar, porque ela andava num estado de nervos que não era normal. Portanto... e enquanto não vimos a criança, andámos... andámos todos nervosos. E eu acompanhei-a sempre nas... nas idas a... aos... às consultas, e às ecografias. Também tentava ver se via alguma coisa, e... e ela andava num estado de nervos bastante alterado, que era mesmo necessário eu acompanhá-la.*

Foi, portanto, neste envolvimento de certa forma acidental, que Jeremias se deparou com a importância do papel do homem durante a gravidez para o bem-estar da mulher e, consequentemente, do bebé:

> *Se o pai conseguir, portanto, trazer a mãe calma, e... e agradar-lhe, e a gravidez passar a ser (...) com bastante calma, bastante... penso que a criança que... que nascerá mais calma (...). Mesmo em termos de choro, quando nasce e não sei quê... se a criança dentro da barriga da mãe andar numa vida um bocado agitada... e muitas vezes com discussões e nervos e não sei quê, a criança nasce um bocado alterada, e eu tive essa experiência com a... com esta mais nova.*

**Hélder** tem 40 anos, o 11.º ano de escolaridade e é operador de venda e controle numa empresa de transportes públicos. A sua mulher tem 31 anos,

a 4.ª classe e é empregada de balcão. Estão casados há 13 anos e têm dois filhos, uma menina de 6 anos e um menino de 4. Ter filhos era uma aspiração que acalentava enquanto jovem, aspiração essa que era elaborada no quadro de um objectivo mais vasto onde casar, ter filhos e conseguir segurança material surgiam intimamente entrelaçados. Com efeito, quando questionado acerca dos projectos de vida que tinha então, respondeu:

> *Olha, praticamente o que tenho agora: uma casinha, um trabalho e família.*

Aos 25 anos, Hélder conheceu casualmente a sua actual mulher, 9 anos mais nova. O facto de já ter na altura a vida organizada – estava a estagiar na empresa onde trabalha e a comprar casa – permitiu-lhes casar no espaço de 1 ano. Inclusivamente, Hélder acredita que foi isso que atraiu então a mulher:

> *Uma pessoa já mais... com mais, pronto, com um nível já definido (...).* [Ela] *já sabia que tinha responsabilidade de isto e daquilo. Já tinha um caminho definido. Casou comigo.*

A primeira filha nasceu 7 anos depois, enquanto o segundo nasceu logo passados 2 anos. Foram gravidezes planeadas, que vieram de encontro às suas preferências pessoais:

> *Preferências, já 'tá a vista: é um menino e uma menina. É um casal. 'Tá feito!.*

Mas também que vieram de encontro à sua convicção acerca do momento ideal para ter filhos, quando estão reunidas três condições essenciais – maturidade, idade adequada e situação material:

> *Ora, ao certo, se uma pessoa leva, portanto, a vida equilibrada, a responsabilidade... em chegando a uma determinada altura sabe que, se vier uma criança ou isso, que já tem uma responsabilidade acrescida e sabe o que há-de fazer. Agora, se é outra pessoa que não tem (...), o choque pode ser muito maior e não sabe... não tem bases para lidar com a criança (...). E depois, também há o nível de vida. Se uma pessoa vai ter uma criança e se não tem hoje um emprego, amanhã não trabalha, não tem um trabalho, não tem – porque a vida, nos tempos que correm, é à base de dinheiro – ou se tiver ajudas... E se não tiver ninguém, vale mais 'tar quieto (...). E há os factos biológicos da pessoa, não é? O nosso corpo todo passa por uma série de transformações durante a vida. É certo que quanto mais tarde, mais complicado se torna, porque o nosso organismo não 'tá feito para essas... Pronto, o nosso organismo também tem um relógio biológico (...), tem que se aproveitar esse período, porque fora disso já é um risco.*

Hélder envolveu-se bastante na gravidez, acompanhando a mulher a *todas, ou quase todas* as consultas. Já as ecografias, por serem realizadas à noite,



permitiam-lhe estar sempre presente. Mas também sentiu uma grande curiosidade em informar-se acerca da gravidez e em preparar a paternidade, pelo que, quando a primeira filha nasceu, já se sentia preparado:

> *Procurei ter informação. Isso é daquelas coisas que a gente, se a gente tiver um bocadinho, se a gente se der ao trabalho de ir lendo algumas coisas... que foi o que eu fiz. Ninguém me explicou. Tive que ir à procura delas, não é? Não hei-de ir ficar à espera que as coisas venham ter comigo. Fui à procura desses livros, desses...sei lá, revistas de informação que dão, tantas coisas para aí aos montes, desde que uma pessoa se interesse um bocadinho. Quando a gente chega à altura 'tá tudo em linha. Até se torna mais divertido.*

No entanto, apesar do interesse, não conseguiu assistir a nenhum dos partos, por motivos de dinâmica hospitalar que lhe foram alheios:

> *Não me deixaram entrar por lado nenhum. Só ela é que entrava sozinha. Só, mais nada. Apesar de que gostava de assistir e falámos nisso, mas não... (...). Acho que era interessante e por ela até gostava. Gostava mas pronto, não permitem.*

Apesar de ambos os nascimentos terem sido planeados e de actualmente não planearem ter mais filhos, Hélder manifestou-se disponível para acolher mais um bebé na eventualidade de um "acidente":

> *Também se vier, também não há problema. Há-de se arranjar alguma coisa.*

### *Perfil 2 – Antecipado bem-vindo*

Tal como no perfil anterior, constituir família – enquanto projecto que alia casamento e filhos – também fazia parte dos planos de juventude de Nicolau, Miguel, António ou Sérgio. No entanto, consideram que foram pais prematuramente, o que os levou a ter de abdicar, com alguma pena, da camaradagem e da ausência de amarras que caracterizavam a sua juventude. A paternidade chegou, então, aos 23-24 anos, compelida por uma gravidez inesperada, como aconteceu a Nicolau e a Sérgio, ou por um casamento antecipado, nos casos de Miguel e António. Não obstante, assumiram com grande envolvimento o projecto de parentalidade a dois, no quadro de uma relação conjugal baseada na negociação, e viveram intensamente o período da gravidez, num misto de exultação e de ansiedade. Todos eles têm actualmente dois filhos e não pensam ter mais, embora Miguel até gostasse e Sérgio, lembrando que nenhum dos dois foi planeado, não descarte essa eventualidade. Aliás, uma característica comum a todos é, então, a fecundidade conjugal "acidentada", o que se traduz em calendários

heterogéneos que se organizam ao sabor do "imprevisto". Também como no tipo anterior, estes homens têm escolaridades a nível do 3.º ciclo do ensino básico ou do secundário e exercem profissões pouco qualificadas ligadas aos serviços. Passemos às histórias de Nicolau e Miguel.

**Nicolau** tem 30 anos, o 9.º ano de escolaridade, é estafeta de distribuição. A sua mulher tem menos 2 anos, o mesmo nível de ensino e é vendedora de loja. São pais de gémeos, um menino e uma menina de 6 anos. A gravidez inesperada da sua mulher, então namorada há já alguns anos, precipitou de uma só vez a conjugalidade e a parentalidade. Foram decisões conjuntas, ponderadas e que tiveram em conta a própria experiência familiar de Nicolau, nascido de uma relação extraconjugal que nunca chegou a ser formalizada:

> *Assim que recebi a notícia foi um susto. Depois eu e a Sílvia tivemos uma conversa. A... a nossa primeira, a nossa primeira coisa era: haverá aborto ou não. O medo, o medo era esse: haverá aborto ou não. Mas optámos logo pelo não, porque ela poderia ter algum problema e eu não queria nada disso, muito pelo contrário (...). E optámos para que a gravidez viesse avante e resolvemos, logo ali, resolvemos que íamos casar para... porque... Já tinha tido o exemplo dos meus pais e eu não queria dar esse exemplo aos meus filhos. Queria estar sempre, constantemente presente. E resolvemos, resolvemos casar.*

Na verdade, esta entrada algo abrupta na vida familiar com filhos constituiu tão-só uma antecipação do seu projecto de juventude, revelando-se mesmo gratificante:

> *Sempre tive esse projecto: casar, ter filhos. Não tão cedo talvez. Fui pai com 24. Talvez um bocadinho mais tarde. Mas não estou nada arrependido, muito pelo contrário. Acho que é extremamente impecável ser pai novinho.*

Inclusive, o nascimento dos gémeos veio inteiramente de encontro às suas aspirações reprodutivas, coladas ao ideal normativo do *casalinho*:

> *O meu projecto foi... era ter um rapaz e uma rapariga e graças a Deus tive esse, tive essa benesse (...). Logo uma pessoa ter um casalinho de gémeos, e ser um rapaz e uma rapariga, acho que isso é...não sei, acho que é uma dádiva. Não acontece muitas vezes. E eu tive essa sorte.*

Nicolau acompanhou de perto a gravidez e viveu-a com alguma ansiedade, mas também com a vontade de sentir a experiência que ia tendo lugar dentro da barriga da sua mulher:

> *Sempre em cima. Só falhei, só falhei uma ida dela a uma ecografia, porque na altura, no trabalho onde eu estava, nesse dia não pude ir (...).*



> *Mas sempre, sempre com ela, sempre para todo o lado, nunca faltei;*
>
> *Só queria era sempre saber se estava tudo bem e que... qualquer coisinha que lhe acontecia, para mim já era um problema: tipo uma infecção urinária, que ela chegou a ter; ou terem-lhe dito, por exemplo, que ela iria ter um parto de alto risco. Isso para mim já foi... um problema bastante grave, mas nunca lho... mas nunca lho transmiti dessa maneira, porque também não queria que ela...;*
>
> *Mas se eu pudesse, se pudesse ser eu a transportar as crianças, era eu que as transportava. Isso, não..., não..., não tinha problemas absolutamente nenhuns, muito pelo contrário. Era eu que as transportava.*

Fazendo o balanço entre o que perdeu com a precocidade da transição para a paternidade e a importância que esta assume na sua vida, Nicolau diz:

> *Acho muito bem que, que o casal tenha aqueles primeiros três, quatro anos em que possa, se houver oportunidade, possa curtir a vida à vontade e viajar e ir... ter montes de jantares com amigos até altas horas, divertirem-se ao máximo. Mas, quando tiverem a oportunidade, não percam a oportunidade de ter um filho (...). Era uma, uma das coisas que gostava de experimentar e... e que, e que me aconteceu e acho que foi o melhor que me aconteceu até hoje.*

**Miguel** tem 32 anos, o 8.º ano e é electricista. A sua mulher tem 31, o 9.º ano e é vigilante de uma empresa de segurança. São casados e pais de duas filhas, de 9 e 6 anos. Apesar de, enquanto jovem, fazer intenção de casar e ter filhos, Miguel pensava concretizar esse projecto por volta dos 30 anos e explica porquê:

> *É assim: a gente, quando somos miúdos, pensamos que vamos fazer muitas coisas, que vamos aqui, vamos ali, vamos andar aí na desbunda até... e pensa, toda a gente pensava na altura: "Ah, vais-te casar, depois não podes fazer essas coisas". E então, quanto mais tarde fosse, melhor era. Sempre 'távamos mais livres. Livres entre aspas, 'né? Mas não deu. Aconteceu. Conheci esta encomenda* [diz a rir, referindo-se a Maria José].

De facto, Miguel casou-se bem mais cedo, aos 19 anos, de certa forma impulsionado pela experiência de coabitação que aconteceu casualmente:

> *Ela vivia com a tia e 'tava farta de viver com a tia e não sei quê. Depois apareceu-lhe uma oportunidade para ir para França e disse-me se eu queria ir. E eu: "'Tá bem". Fui. 'Tivemos lá 5 meses. Depois, entretanto, chegou uma carta para eu ir para tropa e não sei o quê. Voltámos para Portugal, tivemos juntos depois mais um ano e casámos.*

O casamento não trouxe logo os filhos, pois o casal queria reunir algumas condições materiais, bem como aproveitar a liberdade da vida a dois para passear. Os seus objectivos, diz, eram:

*... arranjar trabalho e tentarmos comprar uma casa para gente viver. Não pensávamos em ter filhos tão cedo (...). Queríamos, tipo: sair, conhecer outros sítios. A gente, quando teve em França por exemplo (...), o dinheiro que eu ganhava era para gente ir passear. Fomos para Itália, visitámos aquela zona assim do sul de França, mais perto de casa. E era isso que a gente queria fazer cá. Só que o dinheiro também não era muito e depois eu fui para tropa. E, entretanto, depois nasceu a S.* [filha mais velha] *e ficámos, assim, um bocado mais presos.*

De facto, o nascimento da primeira filha, quando Miguel tinha 23 anos, não foi planeado. Mas o nascimento da segunda, 3 anos depois, já foi planeado pelo casal, tendo em vista a proximidade etária das filhas:

*Não queríamos que elas tivessem uma idade muito diferente uma da outra, muito... como é que eu hei-de dizer? Eu, do meu irmão, são 10 anos. Eu não brincava com o meu irmão, o meu irmão não brincava comigo, prontos. Assim não, elas, prontos. Acho que sempre fazem companhia uma à outra (...). Por isso é que nós pensámos na altura: "Acho que 'tá na altura de ter outro".*

Miguel referiu ter acompanhado mais a primeira gravidez, pois durante a segunda estava a trabalhar fora de Lisboa. No entanto, fazia por assistir sempre às ecografias. Já em relação aos partos confessou que não teve *coragem para tanto*. Actualmente pensam não ter mais filhos por questões financeiras, embora ambos gostassem de ter pelo menos mais um. Inclusivamente, Miguel acha que o desejo da mulher encerra, na verdade, a vontade de ter um rapaz para lhe agradar a ele, já que Miguel tinha essa preferência declarada:

*Ela queria ter um menino por causa de mim. Mas... mas acho que as meninas servem-lhe bem* [ri]. *(...) Eu gostava, mas não dá;*

*Queria meninos, não sei, mas queria meninos. É diferente (...). Se fosse um miúdo já dava mais... sabia brincar doutra maneira, que não sei brincar com elas. Mas, prontos, eu esforço-me para brincar com elas. Mas é um bocado complicado, porque eu não tenho muita paciência para andar com uma boneca (...). Mas, não sei, desde miúdo sempre quis um filho. Mas, nem era por isso, um filho é um filho.*

### *Perfil 3 – Tradicional acidentado*

Constituir família também fazia parte dos planos de juventude de Jerónimo e Júlio. Mas aqui, a antecipação da paternidade no quadro da vida em casal radica-se num projecto de afirmação de masculinidade viril. Por este facto, ou porque é a criança que dá sentido à relação conjugal, ou porque não há qualquer vigilância contraceptiva – como se pode depreender do caso de Júlio



–, o primeiro filho nasce no primeiro ano de vida a dois. A negociação conjugal da fecundidade é diminuta, se não mesmo inexistente, e pouco ou nada se sabe acerca das aspirações e dos projectos do cônjuge. Estes homens estão, assim, totalmente alheados do planeamento familiar, mas também da própria gravidez, pois entendem a reprodução enquanto esfera de competências estritamente femininas (ou mesmo uma esfera "indomável"), sobre a qual não têm qualquer controlo ou responsabilidade. Apesar de as suas posturas serem semelhantes, as suas trajectórias reprodutivas são bem distintas, pois Jerónimo teve apenas duas filhas com um intervalo de 5 anos e Júlio teve oito filhos muito seguidos. A diferença traduz, sem dúvida, o desigual desempenho na esfera reprodutiva por parte das suas mulheres, às quais foi confiada essa função. Estes homens têm profissões pouco qualificadas e têm os níveis de escolaridade mais baixos de todos. Vamos às suas histórias.

**Jerónimo** tem 48 anos, a 4.ª classe e é empregado de mercearia. A sua mulher tem 43, a 4.ª classe e é empregada doméstica. Estão casados há 22 anos e têm duas filhas, uma de 21 e outra de 16 anos. O projecto de paternidade de Jerónimo, desde sempre presente, configurava não só o desejo de constituir família, como também de confirmar uma masculinidade entendida enquanto capacidade reprodutora:

*Ah, respondo por mim, eu acho que sim* [que é importante para a realização masculina ter filhos]. *Pronto, se não conseguir isso* [ter filhos] *é porque há qualquer coisa que falta, não é?.*

E reforça a ideia apontando o exemplo dum conhecido seu, alvo de chacota pela sua infertilidade:

*Eu conheço um casal lá na terra, um rapaz mais velho que eu, pronto... É por causa dele que não têm filhos (...). "Oh pá, adopta um puto!". "Ah, não quero nenhum puto que não seja meu!", não sei quê, não sei que mais. "Então, não consegues?". "Que é que queres que eu te faça?". "Olha, vai pedir aos vizinhos!". Pronto, mas é na palhaçada, a malta... Mas é um bocado chato.*

No entanto, o seu projecto de paternidade era compatível com uma descendência pequena, de tal modo que após o nascimento da primeira filha pensou que não podia ter mais, devido às dificuldades económicas e à falta de condições do alojamento:

*Só queria ter uma. Mas, enfim, tivemos um azar e vieram duas (...). Foi uma vida... foi uma... foi uma altura muito má, porque foi na altura até que mudei... 'tava numa casa mais pequena (...), ainda vinha outro a caminho, não havia casa, depois arranjei aqui esta (....). As finanças eram poucas e eu não 'tava preparado para isso. Mas enfim... Olhe, teve que ser.*

O seu discurso reflecte, como vemos, uma concepção da fecundidade enquanto arena que não é possível dominar eficazmente, que tem uma margem de imponderabilidade, mas também que está nas mãos da mulher, situação à qual o homem tem de se submeter. O planeamento dos dois nascimentos reflecte isso mesmo:

> *O segundo é que fui enganado* [sorri]. *Agora o primeiro não. O primeiro... isso foi... mais ou menos... mais ou menos planeado, a coisa. Ela deixou de tomar a pílula e foi logo... logo passado um mês, ou dois, depois (...). Nasceu logo passado um ano (...), isso já foi normal (...). Como era a primeira, veio. Veio a segunda... também já não foi lá assim muito à minha vontade. Mas olhe, pronto, veio.*

Como seria de esperar, Jerónimo não quer ter mais filhos, opinião que pensa partilhar com a mulher. Mas, mesmo colocando este cenário, não lhe é estranha a ideia de ter de se sujeitar a outro *azar*.
Da sua parte houve, então, um total alheamento da gravidez, na medida em que entende esses 9 meses como um tempo estritamente feminino:

> *Ela ia ao médico, ia todos os meses ao médico. Claro que eu não ia com ela, evidentemente. Ela é que ia ao médico e levava... levava a madrinha. E foi assim que eu nunca, nunca fui com ela.*

E é também recorrendo às diferenças naturalmente inscritas na condição de género que explica as preferências que, na primeira gravidez, tinha em relação ao sexo do bebé que ia nascer, preferência também manifestada no momento do nascimento da segunda filha:

> *Eh pá, gostava, tinha na ideia que fosse um rapaz. Mas olha, saiu uma rapariga. Ficou cá na mesma [sorri]. Eh....olhe...é a vida da gente, é a vida dos homens, de ser primeiro um rapaz.*

> *A segunda já foi diferente. A segunda já foi... já tive que me levantar às quatro da manhã e ir lá levá-la e...e 'tava um dia de chuva, uma noite de chuva, cuidado! Lá estive até às cinco ou seis da manhã. Depois disseram-me que ia ser, que era uma garota. Fiquei todo triste, pensava que era um garoto. E pronto, e vim p'ra casa* [sorri].

**Júlio** tem 45 anos, a 2.ª classe e é trabalhador da construção civil, embora esteja desempregado há 2 anos e só faça uns biscates. A sua mulher tem 38 anos, a 3.ª classe e é empregada doméstica. Em união de facto há 24 anos, o casal e os 4 filhos co-residentes, entre os 15 e os 8 anos, vivem numa casa camarária e contam com apoios públicos e privados. Júlio também já é avô, pois as duas filhas mais velhas, hoje com 20 e 17 anos, foram mães adolescentes, tal como foi a sua mulher. A sua história é muito interessante,



pois dá conta de uma trajectória reprodutiva singular no contexto desta amostra. Podemos mesmo dizer, com contornos já pouco comuns nos dias que correm. Na verdade, quando se conheceram, Júlio tinha cerca de 20 anos e a mulher 14. Namoraram pouco tempo e logo se juntaram, acrescentando um anexo à habitação precária dos pais dela:

> *Coisa de um mês e tal, dois meses, ou o que é que foi* [o tempo de namoro]. *Acho que sim. Ela gostava de mim e eu gostava dela, pronto. A gente, ficámos juntos.*

A mulher engravidou logo e foi mãe aos 15 anos. Tiveram ao todo 8 filhos, todos seguidos, dois dos quais falecidos precocemente. Trata-se de um caso extremo de trajectória reprodutiva desprotegida, com parcos ou mesmo nenhuns recursos contraceptivos, na total dependência da vida sexual e da fertilidade do casal. Aliás, esta fecundidade, sobre a qual não exerceram qualquer controlo eficaz, impôs-se à sua própria vontade, não traduzindo de modo algum o seu ideal de descendência. De facto, a representação de Júlio é bastante normativa neste domínio:

> *Casais que tenham uma vida mais ou menos, se tiverem um casalito, até... Prontos, eu acho que ficam mais felizes. Ter uma menina ou um menino, ou um casal.*

Por outro lado, houve um total alheamento das gravidezes, que não tiveram qualquer acompanhamento médico:

> *Ela nunca foi ao médico (...). Nunca, destes meus filhos. Até os outros, se fossem vivos, ela nunca foi ao médico saber se era rapaz se era menina, se aquilo estava a correr bem, se não estava. Ela nunca foi a isso.*

Inclusivamente, o último nascimento ocorreu em casa. Segundo Júlio, não por um acaso mas por vontade da mulher:

> *Essa mais nova foi aqui em casa* [que nasceu] *(...). Um dia à noite, andava a trabalhar (...), chego aqui à noite, eram umas seis e tal, sete horas, diz-me um vizinho: "Ai, os meus parabéns (...) lá a tua mulher, ela já teve mais uma menina aqui em casa. E depois vieram cá buscá-la, foi para a Maternidade Alfredo da Costa" (...). As vizinhas... as outras minhas filhas foram chamar a tia, depois vieram as vizinhas, trouxeram a tesoura e, pronto, cortaram aquilo (...). Passado um bocado veio logo o 112. Pegaram nela e levaram-na, para a ver, mais nada;*
>
> *Nesse dia eu desconfiei (...), fomos lá acima beber café de manhã e eu desconfiei de qualquer coisa – "Oh Júlio, é hoje que eu vou ter a criança", "Então, se vais ter...". Ela foi esperta: as águas, já tinha arrebentado, e ela nunca me disse nada. Ela, vai daí, vai buscar o pão, vai para casa, enquanto ela... Quando eu soube já era à noite, já ela tinha tido...*

### *Perfil 4 – Flexível ambicioso*

Manuel, Adriano, Francisco e Aníbal acalentavam, quando eram jovens, projectos de paternidade. Estes podiam ser já bem precisos, como no caso de Manuel, ou, pelo contrário, ainda indefinidos, como nos restantes casos. Mas é no quadro da relação conjugal que os projectos ganham consistência: são confrontados e negociados em casal e são, em regra, ambiciosos. Estes homens decidiram usufruir de algum tempo de vida a dois antes de fazerem a transição para a parentalidade (embora uma gravidez não planeada tenha antecipado esse objectivo no caso de Aníbal) e foram pais entre os 26 e os 33 anos. O que este perfil traz de novo é a margem de manobra da fecundidade conjugal, que está implicitamente receptiva a uma gravidez não negociada mas desejada pelos dois. Por conseguinte, a vigilância contraceptiva é pouco apertada e nenhum destes homens dá por encerrada, seriamente, a trajectória reprodutiva do casal. Na verdade, as suas condições económicas permitem-lhes manter esta abertura: à excepção de Manuel que tem o 12.º ano, os restantes homens são bastante escolarizados; e todos exercem profissões qualificadas ligadas aos serviços, às artes plásticas ou ao ensino. Mas este perfil também traz um envolvimento masculino sentido como circunscrito ou frustrado, pois consideram a gravidez uma condição, ou mesmo *privilégio* feminino, à qual o homem não tem pleno acesso. Vamos passar, então, às histórias de Manuel e de Adriano.

**Manuel** tem 31 anos, o secundário completo e trabalha na área informática de um banco. A sua mulher tem 32 anos, o 12.º ano e também é bancária. Estão casados há 10 anos e têm dois filhos, uma menina com 5 anos e um menino que ainda não fez 1 ano. Ao contrário dos amigos de juventude, casar e ter filhos sempre fez parte dos seus planos. Inclusivamente tinha aspirações ambiciosas, pois *sempre quis ter 5 filhos*, se bem que não tivesse preferência quanto ao sexo. Já o projecto da mulher era diferente:

> *Nunca teve nenhuma decisão relativamente ao número de filhos, como eu tive. Se calhar isso... isso também era... era... era se calhar mais... mais brincadeira, e por inconsciência do que outra coisa* [risos]. *Mas pronto. Ela não, ela nunca teve esse tipo de... de decisão e... sabia que queria ter filhos, e que gostava de, se possível obviamente, ter um de cada sexo. Ela dava bastante preferência a uma menina.*

O casal planeou ambos os nascimentos e a primeira filha nasceu ao fim de 5 anos de conjugalidade. Manuel explica a importância desse tempo a dois:

> *Eu sou apologista de que as pessoas devem viver um... um período de tempo para se conhecerem, e para viverem os dois, para terem a vivência toda do que é estar em família e de partilhar uma casa, partilharem responsabilidades, e só depois tomar a decisão de ter um filho. Porque eu acho que é uma responsabilidade muito grande, portanto... se estas coisas não estão realmente consolidadas e afinadinhas... pode, no futuro trazer... trazer alguns dissabores.*



Quanto às gravidezes, o sentimento dominante era de que estava à margem do processo:

> *Eu acho que, basicamente, é isso mesmo... eu acho que nós nos sentimos completamente de fora, a olhar, somos espectadores autênticos. Sentimos que o que está a acontecer também tem a nossa responsabilidade* [risos], *mas... Porque enquanto esteve na barriga da mãe, não sei, é esquisito... mesmo a ver os pontapés e tudo... sentia-me muito desligado... Mesmo com o segundo filho.*

Não assistiu aos partos, ambos por cesariana, mas explica como o nascimento da primeira filha se revelou um acontecimento profundamente perturbador:

> *Foi um bocado traumatizante (...), o nascimento da C. A minha mulher foi... foi cesariana, portanto... e ela ficou no recobro, e eu fui para enfermaria com o bebé. E a enfermeira vira-se para mim: "Pronto, ok, agora vista o bebé, se faz favor.". E então tinha minutos de vida* [risos], *e eu tive que lhe trocar a roupa, à C. Aquilo... mexeu tanto comigo, tanto comigo, bem, fiquei... foi um estado tão stressante, que eu... tive que dizer à enfermeira: "Olhe, já 'tá vestida, fique aí com a minha filha que eu venho já". E tive que sair do Hospital e ir lá 'pó jardim do Hospital chorar. Mas 'tive, para aí, uma meia hora a chorar, a desabafar, porque... foi tudo tão seguido, foi a emoção do nascimento, e depois a preocupação de saber se 'tá tudo bem, com ele, com a mãe, e portanto... O facto de nascer, já por si, é uma situação... inexplicável (...). E depois, por ser uma coisa completamente nova para mim. Era uma responsabilidade tremenda. Portanto, eu, naquele momento... há uns minutos atrás, eu sabia que ia ter um filho* [riso], *não é? E eu ali, naquele momento, eu já tinha a... a C. para tomar conta. Portanto... ela estava, naquele momento, completamente dependente de mim. Portanto, e foi um... um choque tão grande, em termos de responsabilidade, e em termos... emocional, mesmo, quer dizer, de... de ver ali a minha filhota, e ter que a vestir, e tudo tão pequenino, e estar com atenção a ver os pormenores todos, as perninhas, os pezinhos, foi... emocionalmente foi, foi muito... foi muito duro para mim, foi;*

> *Com o segundo filho já foi mais... já foi mais natural. Houve, realmente, a emotividade toda associada ao nascimento, mas já foi... já se superou bastante melhor, não é, eu não... também não o tive que vestir, mas ... mas pronto* [risos].

Manuel diz que não pensam ter mais filhos. Mas trata-se, reconhece, de uma convicção com pouca consistência, pois a verdade é que já se imagina a mudar de opinião:

*Quer dizer... é um trabalho gigantesco. É muito trabalho... são maravilhosos mas é... é muito trabalho. Mas... mas o que é engraçado – já agora, só para acrescentar isto – o que é engraçado é que esta, esta... este sentimento que te estou agora a comunicar... também o tive depois da C.* [primeira filha] *nascer. Em que eu disse: "Eh pá, mas a C. já deu tanto trabalho e...". Mas não, mas depois nasce aquela vontadezinha: "Não, pá, temos que ter um menino, quer dizer, temos que ter mais um filho". E... e se bem que agora estou a pensar assim, não sei, se calhar daqui a uns tempos sou capaz de estar a dizer: "Não, se calhar gostava de ter mais um... mais um filhote.*

**Adriano** tem 37 anos, é gestor de projectos numa empresa de consultoria e tem uma pós-graduação. A sua mulher tem 36 e é economista. Casados há 9 anos, têm 3 filhos: um de 6 anos, um de 3 e o mais novo de 6 meses. A paternidade era uma ideia que acarinhava na sua juventude. Aliás, de forma mais assertiva do que a própria ideia de casamento, como nos explica:

*Eu sempre gostei muito de criançada. A paternidade sempre fez parte dos meus projectos. O casamento não era uma, não era uma, naquela fase da minha vida não... não era muito importante se a forma era o casamento ou se era a união de facto. Constituir família, isso sim.*

Contudo o casamento aconteceu aos 25 anos, após um breve namoro, e o primeiro filho nasceu 3 anos depois. O seu discurso é muito semelhante ao do entrevistado anterior:

*Acho que é importante o casal poder ter um bocadinho de tempo para estar junto antes do primeiro filho. Agora, se é logo a seguir ao casamento, se é durante o tempo de namoro, também depende muito de como são os namoros (...). Isso... é importante viver determinadas coisas, poder viajar ou poder passar um fim-de-semana juntos ou... isso acho que é, que é relativamente importante para criar, para criar laços entre as pessoas e cumplicidades e conhecer o outro.*

Já em relação à gravidez e ao parto, apesar de também transmitir a ideia de que foi um espectador do que estava a acontecer na barriga da mulher, Adriano acompanhou de perto os actos médicos de rotina:

*Do último filho já não. Só ia, ia às ecografias, mas já não ia ao ginecologista. Mas dos dois primeiros, sim.*

Mas não sem um sentimento de *inveja*, pelo *privilégio* feminino que constitui a gravidez, e a manifestação de um grande interesse e envolvimento no desenvolvimento fetal:

*É um bocadinho de* outsider [a situação do homem perante a gravidez], *sinto um bocado de inveja da, daquela coisa* [ri]. *Não é um processo muito a dois e acho muito pouca graça a essa, a esse privilégio. Mas depois, de vez em quando, e vai-se um bocado à procura dos sinais exteriores dessa, dessa existência. Os bateres dos corações, das ecografias, das mexidelas, da barriga;*

*Uma pessoa ganha afecto pelo que está ali naquela barriga, mesmo quando aquilo é um pontinho branco, um pixel a mexer na ecografia com dias, com uma semana ou com duas, ahh uma pessoa ganha a sensação que está ali um filho (...). Mas é obvio que é uma ansiedade grande para que ele se materialize depois ahh cá fora, que haja um contacto físico com essa criança. Há uma ansiedade. É importante ele nascer, porque passa devagar. As mulheres gostam muito das gravidezes, mas eu, para mim, abreviava esse processo* [riso].

Quanto ao projecto actual, se pretendem ou não ter mais filhos, Adriano refere que ele e a mulher ainda não têm uma posição concertada, mas confessa a disponibilidade de ambos para ter mais filhos:

*Hoje estávamos a arrumar (...) o esterilizador dos biberões, que já não é preciso. E eu disse-lhe: "Olha, vês, nunca vamos precisar disto"* [ri]. *E ela fez beiço. E acho que aquilo não é um bom sinal, não sei* [ri].

*Se pudesse, se não houvesse a questão financeira, claramente não me importava nada de ter mais um, ou mais dois* [ri]. *Mas havendo a questão financeira é difícil gerir ... o ponto de equilíbrio em que se pode, em que se pode ter uma, em que se pode dar aquilo que é importante, que nós achamos que é importante para eles e...aquilo que se despende, e as possibilidades que temos para o fazer. E, portanto, é preciso encontrar aí um ponto de equilíbrio que, hoje, se não estivermos nele, estamos muito perto dele.*

E se antes de ser pai lhe era indiferente o sexo dos filhos, agora, com três rapazes, gostaria de ter uma filha:

*Existe muita pressão para rapariga, mas obviamente que ter uma rapariga é uma coisa interessante. Mas, no fundo, gostamos muito de tentar.*

### *Perfil 5 – Imposição feminina, acomodação masculina*

Por alheamento ou convicção, a paternidade não fazia parte dos projectos que Filipe e Frederico, na juventude, pensavam vir a realizar. Já no quadro da relação conjugal são surpreendidos por uma gravidez não planeada, mas que acolhem por nela pressentirem o projecto inconfessado de maternidade das suas companheiras, ou mesmo a ruptura da relação em caso de rejeição da gravidez. É o exemplo de Frederico, que viveu uma situação que configurava mesmo um projecto de maternidade a *solo*, mas que o casal

tentou transformar num projecto familiar. Houve um envolvimento importante na gravidez, mas que também foi sentido como circunscrito para Filipe. No discurso destes homens sobressai, assim, a falta de comunicação e de negociação em torno da fecundidade conjugal, o controlo feminino desta esfera e o facto de terem de se adaptar ao projecto da mulher. Ambos foram pais em idades tardias, têm apenas um filho, exercem actividades profissionais criativas e têm níveis intermédios de escolaridade.

**Filipe** tem 47 anos, o 12.º ano de escolaridade e é artista plástico. No entanto, não produz desde o nascimento da sua única filha, hoje quase com 3 anos, pois ficou a tomar conta dela, desde os primeiros dias de vida, para que a mulher, 5 anos mais nova, pudesse investir na carreira universitária e terminar o doutoramento. A gravidez foi, então, uma surpresa para Filipe, pois embora houvesse da sua parte alguma receptividade à ideia de ter filhos, o rumo da relação conjugal, na altura com cerca de 20 anos, parecia afastar cada vez mais esse cenário. Aliás, das suas palavras depreende-se uma resignação passiva em relação a opções familiares que pareciam estar dependentes apenas e só da vontade da mulher:

> *Havia curiosidade, porque... pronto, eu tenho um irmão que tem dois filhos e via-o a ele, como é que vivia esta situação (...). Despertou-me uma curiosidade, mas não era nada de, de... não era aquela vontade de ter filhos desesperadamente (...). Aliás, já estava, tenho 47 anos... e depois dos 40 pensei: "Bom, não vou ter filhos, não vou casar, mas isto não quer dizer que não seja... que não possa ter uma vida, que continue a minha vida de namoro com ela. Se acontecer, acontece. Se não, paciência, pronto".*

Por conseguinte, a notícia da gravidez constituiu para Filipe um momento de profunda reformulação do seu projecto de vida pessoal e conjugal. E apesar de essa hipótese não ter sido abertamente ponderada pelo casal – de tal modo que Filipe estava convencido, como acabámos de ver, que a oportunidade de ser pai já estava perdida – a sua materialização não lhe parece alheia a um desejo emergente mas interdito da mulher motivado, muito provavelmente, pela sua percepção de que o final do período fértil estava próximo:

> *Nem sequer estava em... em projecto, digamos assim, ter um filho. Aconteceu, recebemo-lo muito bem, porque quando a Joana me disse: "Olha, estou grávida", não houve... sentimentos nem de revolta, nem de "Ai, que chatice!". Dei comigo a aceitar;*
>
> *Quer dizer, eu acho que ela já estava... mesmo não dizendo abertamente, acho que já estava a pensar nisso, pronto. Mesmo porque... o tempo passa e, se calhar há orientações biológicas (...) Não sou mulher, por isso não sei dizer, mas acho... suponho que tenham vontade de, de experimentar também a maternidade. São experiências novas. Acho que são um bocado naturalmente predispostas a isto. Mas nunca tinha predisposto ou falado nisso, de ter uma criança.*

Da parte de Filipe houve um grande envolvimento na gravidez, na preparação para o parto e no nascimento propriamente dito, o que acarretou um sentimento de que há coisas que, infelizmente, estão fora do alcance dos homens:

> *Em todos os 9 meses, eu acho que fiz o que devia ter feito e fi-lo com interesse, sobretudo. Porque sempre me fascinou e fiquei muito curioso em relação a isso... o fenómeno... eu chamo o fenómeno, mas não é bem um fenómeno, é uma coisa natural da vida, da vida que nasce dentro da outra pessoa, não é? E, inclusive, depois quis ver como é que saem os meninos, pronto* [riso] *(...). Possivelmente é a única filha que eu vou ter. Eu acho que é um acontecimento muito importante, uma outra vida vir ao mundo. E tinha que testemunhar isso, sem dúvida (...) É uma coisa completamente nova: entrar numa situação de solteiro sem filhos, a uma situação de pai e ver a própria filha nascer. Acho que muda completamente uma pessoa. Não há, não há... todos aqueles preconceitos, que uma pessoa faz, em relação ao acto em si do nascimento, desaparece tudo (...). Como é que eu hei-de explicar isso? Eu vi, a minha filha. Vi antes da Joana* [risos]. *Vi, porque ela, naturalmente, não podia ver o que estava a acontecer ali à frente* [riso]. *Como é que... Dá para chorar. Dá para chorar, porque até quando está na barriga da mamã é a mamã que sente o que é que está a acontecer. Deve ser, aquilo deve ser uma coisa... eu chamo-lhe de mágico, porque uma relação que tem uma com a outra é mágica. Mas quando sai dessa, quando sai, vês, é uma sensação... não sei como dizer... de milagre (...), é de maravilha, de... surpresa, assim... de fascínio, de quase querer experimentar, mas não poder, claramente.*

Mas o nascimento da filha trouxe também a realização de uma aspiração pessoal, a de ter uma filha:

> *Sim. Eu queria mesmo que fosse menina, sim. Porque (...) as raparigas são mais... independentes, assim mais... em certo sentido, são mais maduras do que os rapazes (...). São menos dependentes dos pais. São mais independentes. Acho que têm ideias mais claras. Mas... não sei, eu sempre tive a preferência por ter uma filha que um filho. E aconteceu.*

Por fim, quando questionado acerca da possibilidade de terem outra criança, Filipe remete-se novamente para uma posição passiva, de aceitação conformada de qualquer decisão da mulher, mesmo não concordando com esse cenário e mesmo admitindo que seria complicado para si, na medida em que ficaria impossibilitado de trabalhar durante mais alguns anos:

> *Ahh... a vontade, acho que* [a Joana] *tem. Mas sabes... ah, ah... não sei. Isso, também não é que decida eu. É ela que tem que ver se, se... a*

*disponibilidade que ela tem, fazer bem as contas porque... enfim, não tem 20 anos. Aliás é um risco, para ela e para a criança também;*

*Quer dizer... sim, claro que eu fazia novamente isso* [ficar a tomar conta de outro bebé]. *Mas não sei se... o que não sei é que se ainda... porque esta ginástica de trabalhar, deixar de trabalhar, trabalhar, deixar de trabalhar... (...). Quer dizer, eu também não tenho 20 anos – tenho 47 – e não sei se... se é bom para mim também, quer dizer, isso. Mas, talvez voltava a fazê-lo, sim. Sim. Mesmo porque... ou é assim, ou é assim* [riso], *percebes? Ou é assim, ou é assim. Não há mais outra pessoa que esteja disponível para, para... para ficar com.*

**Frederico** tem 49 anos, o 9.º ano de escolaridade e é carpinteiro de cenários, actividade que acumula com a de feirante de velharias. O seu caso não se encaixa no tipo de situação familiar que elegemos, na medida em que vive actualmente numa conjugalidade sem filhos. Mas tem um filho de 13 anos, de uma conjugalidade anterior, e que está à guarda da mãe. Apesar disso, trata-se de um caso muito interessante e ilustrativo deste perfil, pelo que optámos por dar a conhecer a sua história. Ora, a relação de Frederico com a mãe do seu filho começou de forma pouco habitual:

*Conhecemo-nos um dia, no dia a seguir estávamos a viver juntos, 3 dias depois estava a viver na casa dela.*

E foi também desta forma que aconteceu a gravidez, passado pouco tempo, na ausência de qualquer contracepção. Na verdade, a adivinhar pelas suas palavras, foi uma gravidez desejada pela sua companheira:

*Aconteceu, não foi uma coisa que, "vamos fazer um filho", etc., etc., até porque... aconteceu assim pouco tempo, poucas semanas de estarmos juntos... aconteceu. Mas sei que ela queria uma criança e que desde logo do princípio disse: "Ouve lá, se não quiseres assumir, eu assumo porque quero ter este filho". E eu: "Não, não. Gosto de ti. Vou gostar desta criança". Foi assim que aconteceu.*

O facto é que, quando a mulher engravidou, Frederico tinha 36 anos e até então rejeitara a ideia de ter filhos. Mas o acontecimento implicou uma revisão dessa posição e Frederico passou a acarinhar o projecto de paternidade. A relação terminou definitivamente ao fim de 7 anos:

*Quer dizer, eu, até nascer o F., pá, era da minha ideia de não ter filhos. Sim, por uma questão social (...). As condições sociais que há, pá: a pressão que as pessoas vivem; o stresse; o... pá, o bordel que é o mundo, pá, da forma como é organizado, que dá muito poucas perspectivas para o futuro... sei lá, poluição, conflitos... políticos, etc. É muito complicado pensarmos em... fazer, construir, pôr crianças no mundo em que, vai ser cada vez mais agressivo. É isso que me fez pensar durante muito tempo. O F. aconteceu e eu apaixonei-me da ideia.*



Frederico colocou-se na posição de espectador perante a gravidez, vendo a mulher a *crescer*, e faltou-lhe a coragem para assistir ao nascimento do filho, embora tivesse inicialmente essa intenção:

*Eu deveria, era suposto eu assistir ao parto, etc., mas acho que não fui capaz.*

### *Perfil 6 – Imposição feminina, desacordo masculino*

Tal como no perfil anterior, também Zacarias e Leonardo não tinham, na juventude, intenções de casar e ter filhos. Os seus discursos revelam vidas familiares activamente fabricadas pelas mulheres, para as quais foram arrastados. No campo da reprodução, já não se trata de falta de comunicação ou de ausência de negociação, como no perfil anterior, mas de claro desacordo conjugal. A fecundidade é, então, planeada, decidida e controlada pelas mulheres, o que parece conduzir, de algum modo, à falta de envolvimento masculino em relação à gravidez, quando não mesmo ao questionamento da própria relação, como aconteceu com Zacarias. Ambos com filhos pequenos, os seus calendários também são muito semelhantes, pois foram pais por volta dos 30 anos, após 2 ou 3 anos do início da conjugalidade. Curiosamente, este perfil reúne dois homens de meios sociais bem diferentes.

**Zacarias** tem 37 anos, o 8.º ano de escolaridade e é motorista privado. A sua mulher, também com 37 anos, tem o 12.º ano e é administrativa numa embaixada. Estão casados há 9 anos e têm uma filha de 7 e um filho de 2. Quando era jovem, Zacarias não pensava *propriamente assim a fundo* na questão dos filhos. E o casamento, enquanto formalização de uma relação, estava mesmo excluído do seu projecto de vida a dois. No discurso transparece o sentimento de que as diferentes etapas de constituição da sua vida familiar têm sido forçadas pela mulher à revelia da sua vontade:

*Aliás, casei-me, ahhh, um bocado na onda da circunstância... Como há pouco disse, o homem está a mudar um bocado em relação às mulheres, está a ser subjugado pelas mulheres, e aqui foi um bocado isso. A minha mulher começou... fui na onda, deixei-me ir na onda, pronto. Também gostava dela, digamos que era uma mulher que me interessava e eu, digamos, fui deixando me levar. Ela quis tudo e mais alguma coisa e eu fui andando, fui andando, fui andando e até hoje, prontos, até hoje.*

Zacarias admite que os filhos foram planeados, no sentido em que houve uma negociação do casal em ambos os casos. Contudo, face às divergências

de opinião, nomeadamente a propósito do momento certo para terem o primeiro filho, foi a vontade da mulher que prevaleceu:

> *A primeira* [gravidez] *sim. A segunda mais ou menos, se bem que veio com comum acordo, quer dizer... sim, eu posso dizer que foram as duas planeadas, ao fim ao cabo (...). Da (...) mais velha, foi decisão unilateral, digamos, da Mafalda. Eu digo unilateral por uma simples razão, que ela queria ser mãe até aos 30 anos. Aí foi uma imposição dela. E talvez daí se tivesse quebrado (...) algumas coisas no nosso casamento, no nosso casamento que nunca o gozámos. Que eu acho que é extremamente importante, uma pessoa quando se casa não ter logo filhos. Isso é das coisas, do conjunto da minha vida como, como marido e como pai que eu tiro, uma das ilações que eu tirei é essa: acho que uma pessoa casa-se, deve ter pelo menos 3-4 anos sem filhos; viver, conhecer a pessoa com quem está a morar e a viver... partilhar a sua vida, ao fim ao cabo, conhecê-la mais profundamente, essas coisas todas. E, quando isso não acontece, pode se ter muitos... muitos dissabores mais tarde.*

Esta *decisão unilateral* teve, como se depreende das suas palavras, implicações negativas na relação conjugal – o casal chegou mesmo a ponderar o divórcio –, pelo que o nascimento do segundo filho, 5 anos depois, parece ter constituído uma tentativa de salvar um casamento em crise:

> *(...) aí posso dizer que foi... Sim, foi por mútuo acordo. Foi tecido por uma situação ingrata de nós os 2, mas foi... quisemos. De nós os dois, em termos pessoais, de mim e da minha mulher.*

Talvez pela tensão gerada pela falta de acordo, ambas as gravidezes foram vividas com alguma distância, *sem grandes euforias* e *com alguma frieza*:

> *Eu sou uma pessoa extremamente... fria nessas coisas, não... Ainda hoje sinto que não sou uma pessoa, não sou uma pessoa que mostre muito os sentimentos, sou muito reservado nesse aspecto. Portanto, a Mafalda viveu mais do que eu. Mas, prontos, é assim, é um sentimento único, o nascimento, mas durante a gravidez é um sentimento muito pessoal, portanto... sem grandes euforias (...). Para dizer sinceramente, não me lembro de alguma vez ter ido ver uma consulta dela, mas acho que não.*

Os nascimentos dos filhos, aos quais não assistiu, constituíram, em contrapartida, acontecimentos muito marcantes, de uma *alegria enormíssima* temperada, no caso do segundo, por *muita dor,* na medida em que houve complicações no parto que implicaram o internamento do bebé. Como o entrevistado explicou:

> *Foi uma alegria sem a ter.*



**Leonardo** tem 33 anos, é licenciado e representante comercial de uma empresa de certificação de qualidade. A sua mulher, 1 ano mais nova, é fisioterapeuta. Durante a juventude constituir família não fazia parte dos planos deste entrevistado:

> *Acho que podemos dizer que não passava pela cabeça casar e ter filhos.*

No entanto, hoje é casado e pai de um menino de 2 anos, fruto duma gravidez planeada. E Leonardo explica como é que a constituição da vida familiar foi sendo conduzida pela mulher e de como ele foi cedendo a um projecto de família alheio:

> *Eu nunca fui muito...não fazia grande questão de casar. Casar... por mim vivia junto, mas, pronto, é mais uma questão da parte da minha mulher que realmente era um princípio e era um...um sonho dela, não tive problema nenhum em obviamente também o satisfazer. Em ser pai, pronto, foi um...foi um... foi difícil, porque, lá está, não...eu acho que se não fosse pai ainda se calhar não... Não me importava de ser pai um bocadinho mais tarde (...). A determinada altura, prontos, começou-se, pensou-se então efectivamente já em dar esse passo. Eu sempre fui um bocadinho mais reticente nesse assunto, eu sempre tentei adiar o máximo, adiar o máximo possível.*

A gravidez constituiu um período de espera passiva, pois Leonardo encarou-a enquanto condição que só pode ser experienciada pela mulher. No entanto, assistiu ao parto:

> *De uma forma simples é assim: enquanto dura a fase de gestação acaba-se por dizer: "Ah, ainda faltam dois meses, ainda faltam sete meses, ainda faltam seis meses...". No fundo, é mais a mãe que costuma... no fundo já começa a... que já transporta a criança, não é? Portanto... nós, pais, vamos sempre, parece que 'tamos assim: "Ah, ainda falta assim um bocadinho";*
>
> *Assisti ao parto e acho que sempre que possível deveremos assistir não é? No fundo é uma nova...uma nova etapa. Agora, para lhe descrever, é um bocado difícil, porque acho que foi...só mesmo... é uma situação que só mesmo passando por ela, não é? (...) Acho que é uma sensação muito própria de, dessa situação, dessa vivência, que acho que, não sei, acho que cada um, se calhar, também é capaz de vivê-la de maneira diferente, não é? De uma forma intensa diferente, portanto...*

Questionado acerca das suas preferências quanto ao número e sexo dos filhos, as respostas são pouco assertivas, revelando tanto a indefinição dos seus projectos como a pressão que está a sentir por parte da mulher para ter mais filhos:

> *Quer dizer, acho que... rapaz gostava sempre de ter um rapaz...não é?... Isso é natural, não é? Mas também acho que gostava de uma rapariga.*

*Pronto, isso depois obviamente... Mas tanto fazia sair um rapaz ou rapariga;*

*Quer dizer... ao mesmo tempo, penso que, se calhar, não deveria só ter um, para ser filho único, mas ao mesmo tempo também não sei (...). Ela quer ter mais. Com toda a certeza. É assim, eu também, se tivesse uma vida... enfim, um bocadinho mais desafogada, se calhar... Lá está, isto é um bocado depois os opostos. Mas, ao mesmo tempo, também acho que uma família grande também devia ser extremamente interessante e... (...) mas ao mesmo tempo, se calhar um... não sei, é uma situação que eu tenho 'tado a viver com alguma pressão psicológica, por assim dizer (...). Ela, por ela, já tinha já. Quem 'tá a adiar mais o... não quer dizer que a gente pudesse já ter... Em termos de condições económicas, felizmente, poderíamos ter... Mas pronto, lá está, mas é sempre... Ter um, já é um passo importante, não é? Ter mais outro, acaba por ser mais outro passo.*

### *Perfil 7 – Imposição masculina*

Este perfil encerra algumas semelhanças com o anterior, como a ausência de projectos, o desacordo do casal a propósito da dimensão da descendência e a vigilância apertada da fecundidade. Mas o que singulariza este perfil é o facto de ser a vontade do homem que prevalece sobre a da mulher, pelo que ele sente que tem o controlo da situação. A paternidade chega relativamente tarde e há um grande envolvimento na gravidez. Este perfil traduz, então, a história de Pedro.

**Pedro** tem 38 anos, é físico, é casado e tem uma filha de 4 anos. A sua mulher tem 38 anos, o 11.º ano e é chefe de vendas. O percurso conjugal de Pedro teve início muito cedo, com uma coabitação juvenil. Após essa primeira experiência viveu outras conjugalidades informais e sem filhos, embora numa delas tenha havido uma gravidez acidental que, apesar da sua vontade em levá-la avante, foi interrompida por decisão da sua companheira, que não queria ter filhos. Apesar desta experiência, Pedro refere que aos 20-30 anos não se sentia particularmente motivado para ter filhos:

> *Sinceramente, a minha postura era um bocado de: "gosto, adoro crianças mas se puderem ser as dos outros e de vez em quando melhor"!.*

Mais adiante, para justificar a sua atitude face à gravidez acidental, clarifica melhor a sua posição, que não era, afinal, de recusa categórica:

> *Portanto, não era... não era uma necessidade que eu sentisse, ter filhos, mas também não é uma coisa que eu descartasse.*



A conjugalidade actual, da qual nasceu a sua filha, aconteceu casualmente há cerca de 7 anos. No início, cada um mantinha a sua casa, mas rapidamente passaram a viver juntos na casa dele. A ideia de terem um bebé surgiu pouco depois, à qual se seguiu a do casamento. Segundo Pedro, foi ele que deu o primeiro passo nessa direcção, pois percebia em Manuela o desejo de ser mãe:

> *Fui eu que propus* [terem um filho], *mas a prever que ela, que ela tinha necessidade disso.*

A formalização do laço conjugal teve lugar sob a mesma motivação, a de corresponder às expectativas da mulher. Como diz Pedro, o casamento aconteceu:

> *Quase exclusivamente por ela. Da minha parte por... porque era importante para ela. Porque ficava mais descansada também, não sei porquê.*

Na verdade, este conjunto de decisões parece estar inscrito no projecto conjugal que Pedro delineou inicialmente, projecto esse que estava centrado na busca, não de um relacionamento apaixonado, mas do bem-estar de ambos, assim como na vontade de agradar à mulher:

> *O meu grande prazer na relação inicialmente era a... ou a minha grande felicidade na relação era sentir que a fazia feliz.*

Pedro viveu a gravidez com entusiasmo. Inclusivamente, o acompanhamento que deu a Manuela nas aulas de preparação para o parto criou nele a expectativa de participar no momento do nascimento, o que acabou por não acontecer para seu descontentamento:

> *Vivi mais os últimos meses da gravidez do que o próprio nascimento (...). Eu tinha estado a fazer formação para estar na sala de parto e não... e estavam duas mulheres a parir ao mesmo tempo, portanto, não me deixaram entrar. Portanto, foi um bocado um anticlimax e, pronto, fiquei um bocado aparvalhado e vi a miúda e pronto.*

Mas apesar da relação próxima e gratificante que tem com a filha e da importância que a paternidade assume na sua realização pessoal[18], a sua atitude actual contrasta grandemente com a anterior. Quando questionado sobre a possibilidade de terem mais um filho, Pedro confessa a divergência do casal – ele não quer, ela quer – e a sua irredutibilidade, bem como as razões, de ordem financeira e emocional, para tal:

> *São duas razões fundamentais. Uma é financeira, que passa por duas coisas: passa por não querer descer muito o meu* standard *de vida, mas*

[18] Ver Capítulo 8.

*mais do que isso por... acho que estou no limite para... Acho que aquilo que se consome, a forma como se vive, etc., também é importante. A qualidade do que se consome também é importante para as próprias crianças (...). E depois, conforme elas vão crescendo, os investimentos em educação e actividades e numa série de coisas vão crescendo exponencialmente. E eu tenho dúvidas que tenha tanta, que tenha e venha a ter tanta flexibilidade financeira quanto isso para... ter a certeza que tenho os meios para criar mais crianças. Mas, sobretudo, e a questão mais importante, é que... Os brasileiros chamam à carrinha da polícia o "coração de mãe", porque há sempre lugar para mais um. Mas eu aí, eu acho, eu tenho dúvidas que tenha "coração de mãe". Eu tenho dúvidas que consiga manter o grau de atenção que acho que é devido a uma criança e o grau de emotividade que tenho relativamente a esta... Que consiga dividir* ad infinitum *o mesmo com mais crianças.*

Esta tomada de decisão entra em conflito, inclusivamente, com a sua convicção de que não é positivo ser filho único, tanto mais que ele próprio faz parte de uma fratria extensa. É, portanto, reconhecendo a contradição entre as suas limitações e o seu ideal de fecundidade que explica:

*Eu acho que não faz muito sentido, mas acho que se calhar a melhor situação é... não é ter uma criança só. Se calhar dois, três será mais descansado para..., será mais agradável até para eles, por vezes. Se bem que depois a gente vê como é que os irmãos às vezes se tratam... mas o facto é que, a maior parte das vezes, depois se dão bem no fim, não é? E podem contar...*

### *Perfil 8 – Concertado no tempo*

Também aqui, a juventude é um tempo sem espaço para pensar em constituir família. É, então, a vida em casal que inaugura e define o projecto de parentalidade. O que caracteriza este perfil é a importância da negociação da fecundidade ao longo do tempo, muito centrada na procura do calendário mais adequado para ambos os cônjuges. Assim, a realização daquele projecto vai sendo sucessivamente adiada, na medida em que o casal não consegue conciliar as suas disponibilidades. A paternidade chega por volta dos 30 anos e a gravidez é vivida com um envolvimento circunscrito. Tal como no perfil anterior, aqui encontramos um homem altamente qualificado. Esta é a história de Patrício.

**Patrício** tem 44 anos, é empresário na área de formação e consultoria e tem um mestrado. Está casado há 17 anos e tem uma filha de 15. A sua mulher, também de 44 anos, é directora geral de empresa. Patrício recorda a sua adolescência e juventude enquanto períodos totalmente preenchidos pelas



sociabilidades masculinas, não havendo espaço para equacionar cenários familiares futuros. Questionado, então, se tinha projectos de casar e ter filhos, referiu:

*Não existiam, virtualmente não existentes. Eu tive uma juventude um bocado selvagem.*

Os namoros vieram mais tarde, no tempo da faculdade. E foi também aí que conheceu Júlia, então colega de curso. O casamento realizou-se ao fim de 8 anos, quando começavam *a ter a vida organizada* em termos profissionais, e a filha nasceu 2 anos depois. Patrício conta que o nascimento não foi activamente preparado, mas que havia abertura para que tal sucedesse:

*Não foi planeado. Quero dizer, era na base do nem que sim, nem que não, olha, quando vier, logo se vê. Quero dizer, não andávamos especificamente à procura de, de ter uma criança, como aconteceu com um casal amigo meu em que era quase "são horas!", não é? Não. Aconteceu.*

A gravidez foi vivida com descontracção, entre as suas ausências por motivos profissionais e a certeza de que tudo estava a decorrer bem, pelo que Patrício considera que a mulher não precisava de grande apoio:

*Bom, a gravidez, não tive muito que acompanhar. Para já, porque estava cá pouco, não é? Mas, ainda por cima, felizmente, a minha mulher teve uma gravidez santa. No final, lá fomos àquelas aulas de Lamaze: respira como um cão, puxa os braços, aquela coisa do costume. Mas a gravidez não teve história.*

O projecto de fecundidade do casal, que assentava inicialmente na ideia normativa dos dois filhos, foi entretanto abandonado. É interessante, então, perceber como a questão foi sendo gerida e negociada em casal ao longo dos anos, em função das exigências profissionais de cada um, da diminuição dos apoios anteriormente existentes e do surgimento de um problema de saúde da mulher que inviabilizou definitivamente o projecto inicial:

*Gostávamos de ter dois (...). É assim, a minha mulher é gémea com o irmão (...), na história da família da minha mulher há sobejos gémeos falsos. Têm uma probabilidade de 25 a 33% maior de ter gémeos do que... Que era aquilo que a gente gostava;*

*Depois de nascer a S. foi aquele período da nossa vida em que eu andei pelo estrangeiro (...). Quando voltámos a assentar, ou seja, a minha mulher deixou de ser Directora de Exploração e passou a ser Directora Comercial da ...* [empresa], *etc., tivemos ali um ano ou dois de indecisão. Nem chegou a ser indecisão, era mais: "Como é que a gente vai fazer isto? Vamos ter outro filho? Já? Mas e agora, como é que... Quero dizer, a gente está cá realmente, mas saímos às oito da manhã e voltamos às*

*oito da noite. Quem é que toma conta dele, os meus pais?". Eles já estavam velhos demais para repetir a dose, não é? Portanto, acabámos por ir adiando a decisão, adiando a decisão, adiando a decisão, até que a abandonámos, pura e simplesmente, e decidimos ficar só com um. E aí sim, foi decidido, foi pensado, foi pensado. Tanto mais que a minha mulher teve um problema de saúde, aqui há uns quatro anos, teve um tumor no peito e a partir então daí, acabou-se. Nem pensar nisso é bom, porque não tínhamos muitas garantias, não é? Ficou só um. Mas gostávamos, mesmo, era de ter dois. Mas não tivemos.*

Mesmo assim, apesar dos constrangimentos, ainda entreviram a possibilidade de adoptarem uma criança, sendo em torno desta questão que Patrício considera haver um eventual desacordo nas posições do casal:

*Aliás, já falámos na hipótese de adoptar um segundo. A Júlia talvez ainda* [pondere], *mas eu não, acho que não. Acho que isso seria uma hipótese que eu só colocaria se não tivéssemos conseguido ter nenhum.*

## Síntese e pistas de reflexão

Os dados existentes sobre a fecundidade masculina portuguesa vêm de encontro ao que já se conhece sobre a tendência de modernização da fecundidade feminina: ideais normativos, descendências contidas, calendários mais tardios e planeamento familiar assente em métodos contraceptivos ditos femininos. Mas também fazem luz para desencontros que podem ser observados a vários níveis: das práticas; dos valores; e dos contextos sociais.

Começando pelas práticas, vimos que, pelo facto de a transição para a parentalidade ser mais tardia para os homens leva a que, só a partir dos 45 anos, eles alcancem os níveis de fecundidade das mulheres. Por outro lado, como o seu calendário é mais dilatado, faz com que tenham expectativas de serem pais – e pais de mais filhos – até mais tarde. A nível dos valores, destaca-se uma fecundidade masculina orientada por princípios mais normativos, não só a respeito da dimensão da descendência que equacionam realizar (muito norteada pelo ideal dos dois filhos), como também da maior sobreposição entre conjugalidade e parentalidade no seu universo de representações sobre o lugar dos filhos. Por fim, constatámos que as fecundidades masculina e feminina em U são fortemente modeladas pela escolaridade. Mas a recuperação mais "precoce" e intensa no caso dos homens, indicia que a relação entre o aumento dos capitais escolares, das qualificações profissionais e dos níveis de rendimentos é mais favorável à realização das suas aspirações de fecundidade, enquanto as mulheres



parecem debater-se com mais dificuldades em conciliar as suas aspirações com as atribuições profissionais.

Quanto às entrevistas, elas corroboram algumas destas conclusões, mas também trazem pistas para reflectir sobre o papel dos homens na construção da fecundidade dos casais. A partir da análise de quatro dimensões-chave chegámos a oito perfis, que dão conta de modos distintos de formular e concretizar os projectos de paternidade no quadro da relação conjugal.

Comecemos pela formulação do projecto de paternidade. A maioria dos entrevistados referiu que, quando eram jovens, já tinham aspirações nesse sentido, ou seja, ter filhos fazia parte dos seus planos de vida adulta. Contudo, tratava-se de um projecto vago (salvo uma ou outra excepção) e pouco individualizado, refém do projecto mais amplo de "constituir família", o que confirma essa sobreposição muito estreita entre conjugalidade e parentalidade no universo valorativo dos homens. Mas também houve entrevistados que declararam que a paternidade não estava em projecto, por alheamento ou mesmo rejeição, nos seus tempos de juventude. Este cenário – presente em 4 dos 8 perfis – é mais comum (mas não exclusivo) aos homens mais velhos da amostra, que constituem uma geração urbana que viveu a adolescência ou a juventude no final dos anos 60 e no início dos anos 70, não se ligando a nenhum contexto social em concreto. Assim sendo, tanto para uns como para outros, é a transição para a vida em casal que constitui o momento mais decisivo para a elaboração detalhada, mas não necessariamente definitiva, do projecto de paternidade.

A segunda dimensão em análise dizia respeito à negociação da fecundidade conjugal. Aqui deparámo-nos com várias atitudes. A que predomina – e que caracteriza os perfis *concertados, antecipado* e *flexível* – é aquela em que o homem tem um papel activo no processo de negociação. Os cônjuges dialogam acerca das suas preferências e do calendário mais apropriado para a vinda dos filhos e, em caso de divergência, procuram tomar uma decisão consensual, embora esta possa ser sujeita a reavaliações ao longo da trajectória reprodutiva (como acontece, por exemplo, nos casos em que os casais acabam por ficar pelo filho único). Aqui encontramos homens com profissões pouco qualificadas e com o 3.º ciclo do ensino básico ou o secundário, mas também homens muito qualificados. Para além desta atitude há ainda outras três: uma de desacordo conjugal, em que a comunicação das divergências gera conflito; outra de ausência de comunicação, consubstanciando um projecto tácito de maternidade; e outra ainda de negociação diminuta ligada ao alheamento do homem de uma esfera que

considera de competência feminina. É nesta última que se encontram os homens menos qualificados e com menos recursos escolares.

A terceira dimensão incidiu sobre o papel do homem na construção da fecundidade conjugal. O que constatámos foi que o recurso generalizado a métodos contraceptivos femininos por parte dos casais não impede, forçosamente, que o homem se sinta implicado e co-responsável no controlo da fecundidade conjugal. Este é, então, o sentimento dominante e que é independente, curiosamente, da trajectória reprodutiva ser mais ou menos "acidentada": tantos nos perfis onde se exerce uma vigilância apertada *(concertados)*, como naqueles onde há margem de manobra para acolher uma gravidez não planeada *(flexível ambicioso)*. Mas também nos deparámos com a atitude oposta, de total alheamento, que se liga ao perfil *tradicional*, em que os homens se isentam de responsabilidades nesta esfera por considerarem que compete às mulheres a sua condução. Verifica-se aqui, de forma muito marcante, "a interiorização do discurso social dominante (...) que identifica a saúde reprodutiva com uma área feminina em relação à qual os homens desempenham funções claramente secundárias" (Almeida e Vilar, 2008, p. 42). Por fim, também nos deparámos com a construção (percebida como) unilateral da fecundidade, nas situações de ausência de negociação ou de desacordo. Praticamente em todos os casos, os homens sugerem uma instrumentalização da fecundidade conjugal por parte das suas companheiras, que procuram realizar as suas aspirações reprodutivas à revelia da sua vontade. Mas há também um caso oposto, em que é o homem que sobrepõe o seu projecto ao da sua mulher, com pouca margem para negociação. Ora, esta condução unilateral da fecundidade parece estar cativa do tipo de interacção conjugal e de relação de poder no casal, como sugere a relação claramente hipergâmica que está associada ao caso de Pedro, em que é o homem que tem a última palavra. Há, pois, que começar a equacionar a arena da fecundidade também por este prisma.

A última dimensão que analisámos foi a do envolvimento masculino na gravidez e no parto. Tratou-se de uma aproximação de natureza exploratória, como clarificámos oportunamente, até porque o questionamento sobre este tópico não foi muito profundo nem sistemático. Procurámos, assim, ficar com uma ideia geral da sua atitude, do modo como percepcionam as suas experiências destes acontecimentos. E o que encontrámos foi, então, três disposições distintas. A primeira corresponde a um envolvimento masculino sentido como pleno. O acompanhamento da gravidez, mas também em alguns casos do parto, leva a que os homens se sintam realizados no cumprimento do seu papel e, nas palavras de alguns, até mais preparados para a paternidade.



A segunda corresponde a um envolvimento sentido como circunscrito, apesar de a participação efectiva poder ter sido das mais intensas. Ora, aqui radica uma diferença interessante em termos de pertença social dos entrevistados. No primeiro caso estamos perante homens de meios mais populares, que estão centrados no acompanhamento e no apoio da mulher grávida; no segundo caso estamos perante homens de meios mais favorecidos, que se centram mais no desenvolvimento fetal e na vida intra-uterina, percebidos enquanto privilégios das mulheres e aos quais não têm pleno acesso. Por fim, temos também uma atitude de alheamento, de distância física e emocional, nomeadamente em relação à gravidez. Esta disposição tem ainda duas facetas: uma de contornos tradicionais, em homens que consideram a gravidez e o parto enquanto redutos de feminilidade, nos quais eles não têm papel a desempenhar; e outra que parece consubstanciar o prolongamento ou a resposta ao conflito que existe na esfera da reprodução conjugal. Ora, este é um terreno sobre o qual importa reflectir, pois há claramente aqui várias leituras acerca do papel do homem na experiência da gravidez e do parto, algumas mais enquadradas por um saber prático e outras por um saber técnico, que confronta os homens com as suas limitações nesta arena. Mas também importa reflectir no modo como estas diferentes experiências determinam ou influenciam a construção e a vivência do papel parental, nomeadamente no quadro de tensão em torno da construção da trajectória reprodutiva do casal.

Gostaríamos de salientar mais algumas questões interessantes, que foram emergindo da análise das entrevistas. Uma diz respeito ao lugar do "acidente" na trajectória reprodutiva dos casais portugueses. Por um lado, as entrevistas aos homens corroboraram o que outros estudos concluíram acerca da fecundidade feminina, que é mais acidentada nas franjas populares e controlada nas intermédias e nas mais favorecidas, fruto de uma relação desigual com o planeamento familiar, mais falível nas primeiras e mais eficiente nas outras (Almeida *et al.*, 2004; Cunha, 2007, 2009a). Mas o que as entrevistas demonstram claramente, e que nesses estudos apenas se intuía, é que há um tipo de "acidente" que se deve a uma abertura do casal, mais tácita ou mais explícita, à vinda de uma criança não planeada. Encontrámos esta vigilância contraceptiva mais ambígua especificamente no perfil *flexível ambicioso*, onde há um projecto precoce de paternidade, negociação conjugal e uma fecundidade em aberto. Trata-se de uma flexibilidade, de uma margem de manobra, associada a contextos com algum conforto económico, pelo que o terceiro filho encontra aqui uma porta aberta (Segalen, 1999).

Há ainda um dado interessante sobre as preferências dos homens em relação ao sexo dos filhos. Se a preferência – aliás, bastante transversal – recai, para

muitos, no "casalinho" (o rapaz e a rapariga)[19], alguns entrevistados manifestaram, por seu lado, a preferência por um filho do sexo masculino: *é a vida da gente, é a vida dos homens*. Cláudio, Jeremias, Jerónimo e Miguel, homens pouco qualificados e, todos eles, pais de raparigas, confidenciaram que tinham *naturalmente* imaginado uma paternidade baseada em cumplicidades masculinas, assumindo mesmo a dificuldade em entrar no universo lúdico das filhas, em *brincar com elas*. Mas houve também uma voz dissonante, a de Filipe, homem que, desde cedo, assumiu o papel de principal cuidador da sua única filha[20]. Filipe justifica a preferência, que reconhece sempre ter tido pelas meninas, pelas qualidades psicológicas que atribui ao e valoriza no género feminino.

Outra questão prende-se com o forte laço que liga a conjugalidade e a parentalidade nos projectos de vida de grande parte dos entrevistados, articulado, ainda, com a componente instrumental da produção da vida familiar. Com efeito, quando questionados acerca dos projectos que acalentavam durante a juventude para a vida adulta, foi este "pacote" – "the package deal", nas palavras de Townsend (2002) – que emergiu dos seus discursos: *Olha, praticamente o que tenho agora: uma casinha, um trabalho e família* (Hélder). Este dado vem de encontro ao que Aboim já encontrara em narrativas femininas sobre a vida familiar, narrativas reveladoras da "força integradora de um projecto "familialista" (...): um projecto doméstico (ter uma casa), um projecto parental (ter filhos), um projecto económico (de sobrevivência ou de acumulação/progressão financeira)" (2006, pp. 291-292). Tal como a autora então constatou, também aqui estamos perante homens de diferentes meios sociais, que partilham, então, este projecto de integração familiar. Ora, é justamente onde este projecto está presente, que a construção da fecundidade parece assentar numa maior cumplicidade conjugal, "pensando-se o "projecto de família" como roteiro que exige um constante trabalho de programação, adaptação e negociação" (*idem*, p. 291).

Outro aspecto diz respeito à importância que os homens atribuem à dimensão económica nas tomadas de decisão acerca da fecundidade, confirmando os resultados de pesquisas extensivas atrás mencionadas. Com efeito, independentemente do meio social ou das condições financeiras reais destas famílias, os constrangimentos económicos ditam, para muitos, o encerrar da carreira reprodutiva. Mas enquanto para uns, trata-se de assegurar o bem-estar dos filhos no dia-a-dia, em questões ligadas à subsistência e à educação;

[19] À semelhança do que acontece com as mulheres (Almeida, 2004; Cunha, 2007), traduzindo a descendência ideal dentro do ideal normativo dos dois filhos.

[20] Ver Capítulo 8.



para outros trata-se de garantir a manutenção de um nível de vida, ao qual os filhos – e a família em geral – já se acomodaram e não querem abdicar. A vinda de mais um filho, tanto num caso como no outro, poderia pôr em causa o equilíbrio encontrado. Ora, esta valorização da dimensão económica deve-se, certamente, à importância que o homem atribui ao seu papel de provedor principal dos recursos familiares[21]. Talvez por isso, a relação hipogâmica muito evidente no caso de Filipe tenha conduzido à sua acomodação passiva ao projecto parental da mulher.

A última questão, por fim, prende-se com as situações de filho único que aqui encontrámos. Na medida em que esta descendência está longe de traduzir o ideal normativo de fecundidade (Cunha, 2007, 2009b), revelou-se interessante conhecer, a partir do discurso dos homens, as razões que sustentam a decisão de ficar pelo filho único: são as dificuldades sentidas na relação com a criança, como referiu Cláudio; são as responsabilidades inerentes ao papel parental, como referiu Leonardo; são as exigências profissionais dos cônjuges, a falta de apoio familiar ou mesmo uma doença, como referiu Patrício; é a falta de disponibilidade afectiva ou a necessidade de garantir a manutenção de um certo estilo de vida e nível de consumo, como referiu Pedro. Mas não é só a escassez de recursos pessoais e externos que dita esta situação. De facto, os silêncios e os desacordos conjugais em torno da fecundidade, por um lado, e a resistência, nos tempos da juventude, em alinhar com o quadro normativo dominante – casar e ter filhos – parecem constituir, também, ingredientes que, isoladamente ou associados, concorrem para a constituição das descendências de filho único no âmbito da conjugalidade.

Para terminar, gostaríamos de partilhar a reflexão de Grady *et al.* acerca da dificuldade em compreender a fecundidade das sociedades contemporâneas: "the level of commitment between men and women is the key variable missing in the current study of fertility" (1996, p. 88). Se assim é – e esta parece ser, efectivamente, uma leitura correcta – cabe, então, às Ciências Sociais renovar o olhar sobre a reprodução, equacionando-a enquanto arena onde se encontram as aspirações, os projectos e os quadros de valores de dois indivíduos, que têm de concertar posições em prol de um projecto de fecundidade conjugal. Quando tal não acontece, esta arena da vida a dois pode transformar-se num palco de tensões e conflitos[22] mais ou menos abertos, como pudemos constatar em algumas narrativas masculinas.

[21] Ver Capítulos 1 e 2.

[22] Casimiro, numa investigação sobre violência conjugal (2009), recolheu testemunhos masculinos e femininos que referiram o conflito na arena da reprodução enquanto uma forma de violência.

**Quadro 7.7 – Quadro-síntese dos projectos de paternidade e da construção da fecundidade conjugal (perfis)**

| PERFIS | PROJECTO DE PATERNIDADE | | FECUNDIDADE CONJUGAL | | | NÚMERO DE FILHOS | CASOS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Na juventude | No início da relação conjugal | Negociação | Construção (sentimento dominante) | Envolvimento masculino (gravidez e parto) | | |
| 1 – Concertado contido | Presente | Normativo ou contido | Forte | "A dois", dirigida | Centrado na mulher | 1-2 filhos | Cláudio, Jeremias, Hélder, Marcelo, Álvaro, César |
| 2 – Antecipado bem-vindo | Presente | Normativo | Média ou forte | "A dois", prematura | Centrado na mulher | 2 filhos | Nicolau, Miguel, António, Sérgio |
| 3 – Tradicional acidentado | Presente | Normativo | Diminuta ou ausente | Alheamento masculino, competência feminina | Alheamento tradicional | 2-8 filhos | Jerónimo, Júlio |
| 4 – Flexível ambicioso | Presente | Ambicioso | Em aberto | "A dois", abertura para ter filhos, vigilância contraceptiva pouco apertada | Centrado no bebé (sentido como circunscrito) | 1-3 filhos | Manuel, Francisco, Adriano, Aníbal |
| 5 – Imposição feminina, acomodação masculina | Ausente | Ausente ambivalente | Ausente | Determinada pela mulher | Centrado no bebé (sentido como circunscrito), ou diminuto | 1 filho | Filipe, Frederico |
| 6 – Imposição feminina, desacordo masculino | Ausente | Ausente ou ambivalente | Desacordo | Determinada pela mulher | Alheamento emocional | 1-2 filhos | Zacarias, Leonardo |
| 7 – Imposição masculina | Ausente | Ambivalente | Desacordo | Determinada pelo homem | Centrado em ambos | 1 filho | Pedro |
| 8 – Concertado no tempo | Ausente | Normativo | Forte | "A dois", dirigida | Diminuto | 1 filho | Patrício |